

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Samuel Casal



FISGADOS PELA LITERATURA

Escritores, especialistas e leitores revelam
como entraram no universo dos livros

EDITORIAL

Além de desencadear políticas públicas que visam incutir o gosto pelos livros nas novas gerações, a iniciação do público jovem no universo literário é um tema que costuma render boas discussões. Mas qual seria o melhor caminho para essa iniciação? Há livros mais apropriados a quem deseja entrar no universo da ficção?

Esta edição do **Cândido** se dedica a investigar de que forma a literatura entra nas vidas de jovens leitores. O especial traz reportagens que buscam demonstrar os diversos caminhos possíveis para gostar de ler, como a influência de escritores canônicos, as diversas coleções que pretendem fisgar leitores e os livros que fazem a cabeça da juventude atual. Especialistas em leitura, escritores e leitores também falam sobre o papel das instituições públicas, como escolas e bibliotecas, e da família neste processo de iniciação.

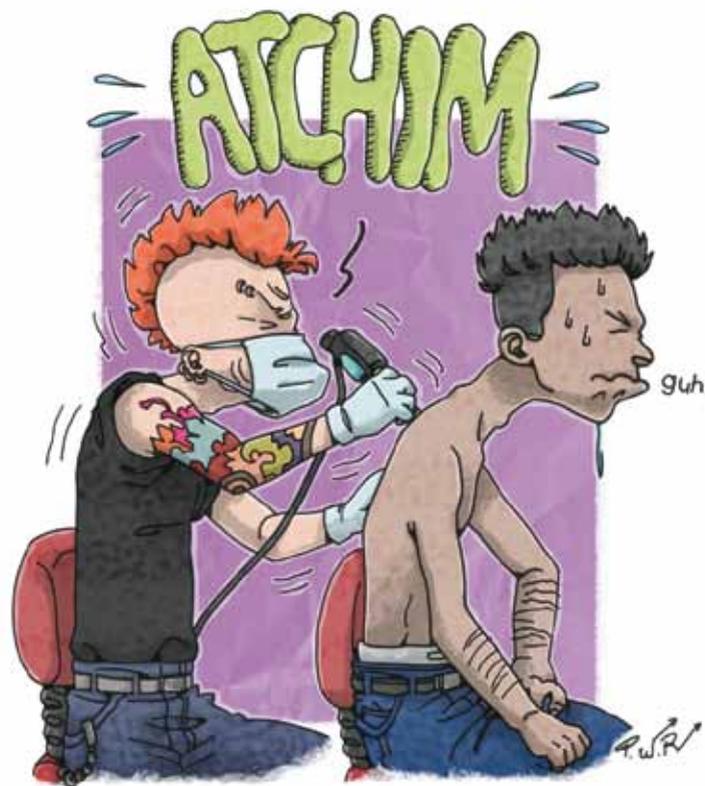
“Um leitor tende a desenvolver uma relação rica com a realidade, passando a emitir opiniões e se desviando, por exemplo, da ideia-força do fatalismo e da alienação”, diz o jornalista José Carlos Fernandes, que desenvolveu pesquisa de doutorado em que acompanhou 12 pessoas que, pelos mais improváveis caminhos, se tornaram leitores.

A edição também traz poema inédito de Manoel de Barros, que aos 96 anos mantém-se ativo na literatura e é um dos principais nomes da poesia nacional. A seção “Em busca de Curitiba” publica texto do poeta e dramaturgo Alexandre França. Uma grande entrevista com o romancista carioca Alberto Mussa, depoimento de Domingos Pellegrini e conto de João Anzanello Carrascoza completam a edição.

Boa leitura.

HUMOR

THIAGO WENDHAUSEN DA ROSA



Viver é desenhar sem borracha
Millôr Fernandes

CARTAS

Parabéns pelo **Cândido**. Enquanto leio deliciosas páginas de Fernando Morais e João Paulo Cuenca, me ocorre um raciocínio matemático. O edifício da Biblioteca Pública do Paraná, belo projeto de Romeu Paulo da Costa, foi erigido em 1951, quando Curitiba tinha 180 mil habitantes. Preservar essa biblioteca é nosso dever. Mas deveríamos buscar com que um outro edifício lhe recuperasse a proporção com a cidade que, entretantes, atingiu 1,8 milhão de habitantes.

Aloísio Leoni Schmid – Curitiba/PR

Hoje pela manhã vi um colega de trabalho com um exemplar do jornal **Cândido**. Dentre tantos outros elogios, meu empolgado colega falava sobre dicas de livros, entrevistas e reportagens que o veículo trazia. Comunicador que sou, logo fiquei curioso em saber mais sobre o assunto. Então, passei a foliar aquele exemplar. Logo encontrei este *e-mail*, que anotei para escrever e pedir para ser adicionado a lista de destinatários deste veículo.

Eduardo Henrique Neuberger – Marechal Cândido Rondon/PR

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação

Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice, Márcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Fotografia

Kraw Penas

Projeto gráfico e diagramação

Versão Design

Colaboradores desta edição

Alexandre França, Felipe Rodrigues, Guile Dias, João Anzanello Carrascoza, José Castilho, Márcio-André, Manoel de Barros, Rafael Antón, Rita Solieri, Rogério Coelho, Samuel Casal, Ted Rocha e Thiago Wendhausen da Rosa

Redação

imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 |

Curitiba - PR | Horário de funcionamento: segunda

a sexta: 8h30 às 20h | Sábado: 8h30 às 13h

BIBLIOTECA AFETIVA

Fui apresentado a Franz Kafka por esse romance curto e objetivo, *A metamorfose*, quando estava no segundo ano de Artes Cênicas. A trajetória de Gregor Samsa, que “certa manhã acordou de sonhos intranquilos em sua cama e encontrou-se metamorfoseado num inseto monstruoso”, teve vários impactos em minha relação com a arte. O poder da imaginação, o comprometimento com o humano, a percepção aguda da fragilidade do homem diante dele mesmo e a sua condição trágica, grotesca e patética deram um rumo para minha opção de artista de teatro. Kafka, sem abrir mão do poético, me ensinou sobre o “demasiado humano” e me influenciou para sempre.

Edson Bueno é autor, diretor e ator de teatro. Dirigiu 77 peças de teatro em seus 28 anos de carreira. Em agosto estreiam, no Espaço Cênico, em Curitiba, três espetáculos dirigidos por ele, baseados em grandes escritores: Caio Fernando Abreu (*O homem que acreditava*), Guimarães Rosa (*Onde o diabo perdeu as botas*) e Franz Kafka (*Kafka – a vigília*). Vive em Curitiba (PR).

Divulgação



Ganhei um *Rembrandt – portraits*. Desses livros de porta de museu. Nele, a reprodução das dezenas de autorretratos feitos pelo pintor. A importância para mim: não pela genialidade do personagem, mas pela confissão da falta do que fazer. Ele com chapeuzinho verde. Com lenço de um lado. Com lenço do outro lado. Chapéu marrom, bigodes. Sem bigodes mas com suíças. Sem suíças. De frente bem perto. Menos perto. De perfil. Também eu fico muito tempo sem nada para fazer. Se ele pode, então eu também posso. (Mas não, não faço autorretratos compulsivamente).

Elvira Vigna é escritora. Autora, entre outros, de *Deixe ele lá e vim* (2006), *Nada a dizer* (2010) e *O que deu para fazer em matéria de história de amor* (2012). Vive em São Paulo (SP).

Divulgação



Fiquei muito impressionado com *Extinção*, do Thomas Bernhard, este acerto de contas com a família, com a nação, com a noção de território. É o último livro dele, escrito em 1986, e o protagonista do livro, Josef Murau, tenta apagar sua vida da única maneira que lhe parece possível: escrevendo sobre ela. E com a morte dos pais, tem de enfrentar tudo aquilo que abomina, as convenções familiares, sociais e políticas. O livro é um belo exemplo da obra do Bernhard, uma obra sem concessões, comprometida apenas com o próprio ofício da escrita.

Carlos Henrique Schroeder é escritor. Autor, entre outros, de *A rosa verde* (2005), *Ensaio do vazio* (2006) e *As certezas e as palavras* (2010) – Prêmio Clarice Lispector de Literatura 2010, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional. Vive em Jaraguá do Sul (SC).

Henrique Schroeder



O livro mais desafiador que já reli foi *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. A primeira vez, confesso que não entendi quase nada, mas insisti na leitura. Entrei pelos atalhos possíveis, tomando o rumo que minha pequena experiência com o mundo dos livros me permitia naquele momento. Queria compreender como algo que eu não dominava podia me causar tal alumbramento. Ávida para decifrar suas “misteriosidades” novamente me embrenhei nas veredas, desta segunda vez como leitura obrigatória em uma disciplina do curso de Letras. Anos depois li por deleite, com tempo, então, velhos e novos mistérios se revelaram como se fosse a primeira vez diante daquela história, daquele sertão “sem fim”, como disse Riobaldo, que faz segredo das coisas. Cada um o desvenda quando e como pode.

Tatjane Garcia é mestre em literatura pela UFPR e coordenadora de projetos culturais da Biblioteca Pública do Paraná. Vive em Curitiba (PR).

Manoel Guimarães



CURTAS DA BPP

Prêmio Paraná de Literatura 2012 divulga comissão julgadora

A Secretaria da Cultura do Paraná (Secc), por meio da Biblioteca Pública do Paraná (BPP), divulgou a relação dos integrantes da comissão julgadora do Prêmio Paraná de Literatura 2012. José Castello, João Cezar de Castro Rocha e Luiz Ruffato são os jurados da categoria Romance (Prêmio Manoel Carlos Karam). Marçal Aquino, Rodrigo Lacerda e Caetano Galindo escolhem o melhor livro de contos (Prêmio Newton Sampaio). Heloisa Buarque de Holanda, Miguel Sanches e Antonio Carlos Secchin analisam as obras de poesia (Prêmio Helena Kolody). A comissão é presidida por Rogério Pereira, diretor da BPP. Em sua primeira edição, o concurso vai selecionar livros inéditos de autores de todo o País. O vencedor de cada categoria receberá R\$ 40 mil e terá sua obra publicada pela Biblioteca Pública do Paraná, com tiragem de mil exemplares. Os premiados também receberão 100 cópias de seu livro. As inscrições são gratuitas e devem ser feitas até o dia 31 de agosto deste ano. O resultado será divulgado na primeira quinzena de dezembro. O edital do Prêmio Paraná de Literatura 2012 está disponível no site da Secretaria da Cultura do Paraná (cultura.pr.gov.br).

Luiz Vilela é o sexto convidado do projeto “Um Escritor na Biblioteca”

O escritor mineiro Luiz Vilela participa de uma edição especial do projeto “Um escritor na Biblioteca” no dia 14 de agosto, a partir das 19 horas, no Auditório Paul Garfunkel, no segundo andar da Biblioteca Pública do Paraná. A mediação será feita pelo escritor, crítico literário, professor universitário e colunista da *Gazeta do Povo* Miguel Sanches Neto. Nascido em Ituiutaba, no interior de Minas Gerais, onde vive até hoje, Vilela estreou na literatura com o livro de contos *Tremor de terra* (1967) e venceu o Prêmio Nacional de Ficção em Brasília — fato que chamou a atenção da crítica e do público para o seu nome e para a sua ficção. Também foi premiado no I e no II Concurso Nacional de Contos do Paraná. Durante quase meio século, escreveu e publicou mais de vinte livros — além de contos, alguns romances, como *O inferno é aqui mesmo* (1979) e *Perdição* (2011).

Cine-Leminski

Em agosto, mês em que se comemora o aniversário de nascimento do poeta multimídia Paulo Leminski (ele nasceu no dia 24 de agosto de 1944), o Museu da Imagem e do Som do Paraná promove a mostra “Paulo Leminski no Cinema”. De 22 a 24 de agosto, haverá exibição de filmes realizados a partir da obra do autor paranaense, no Auditório Brasília Itiberê, na Secretaria de Estado da Cultura (Rua Ébano Pereira, 240), sempre às 19h30. Dia 22, será exibido o longa-metragem *Ex Isto* (dirigido por Cao Guimarães) — a apresentação será de Cristina Mendes, doutoranda em Comunicação e Linguagens que desenvolve tese sobre o filme. *Agora é que são elas* (longa de Beto Carminatti) é a atração do dia 23, e Carminatti fará a apresentação. No dia 24, serão projetados os filmes *Ervilha da Fantasia* (média-metragem dirigido por Werner Schumann), *Meu nome é Paulo Leminski* (curta de Cesar Migliorin), e *Erra Uma Vez* (curta-metragem de Leopoldo Nunes) — a cineasta Berenice Mendes fará a apresentação. A entrada é franca para todas as exibições. Mais informações: (41) 3321-4722.



Domingos Pellegrini

No terceiro encontro de 2012 do projeto “Um Escritor na Biblioteca”, o autor londrinense recuperou episódios de sua trajetória construída a partir de muita leitura, escrita e atenção à realidade



O assunto quase virou lenda. Domingos Pellegrini já disse que cria “jabutis” em sua chácara em Londrina. Naturalmente, é brincadeira, mas com um fundo de verdade. O escritor conquistou seis prêmios Jabuti, reconhecimento concedido pela Câmara Brasileira do Livro, inclusive com o seu livro de estreia, *O homem vermelho* (1977) — contos, e também com o romance *O caso da chácara chã* (2001). Independentemente dos prêmios, Pellegrini é um autor presente no imaginário do leitor contemporâneo, inclusive pela visibilidade que adquire por meio de suas crônicas, publicadas aos domingos — a cada 15 dias — no “Caderno G”, suplemento de cultura da *Gazeta do Povo*. O autor, que também ministra palestras, cursos e oficinas considera-se, mais do que tudo, um contador de histórias. “Estamos aqui neste planeta e temos o tempo todo uma história se desenvolvendo junto com a gente. Nossa família é uma história, o casamento é uma história. As mulheres, quando querem discutir a relação, na realidade querem discutir a história. Para mim, história é algo muito poderoso. Tudo no ser humano é história”, disse, durante sua participação no projeto “Um escritor na Biblioteca”, no auditório Paul Garfunkel. Durante o bate-papo, mediado pela jornalista Mariana Sanchez, o escritor falou da sua rotina de leitura e escrita, lembrou do convívio com Paulo Leminski e defendeu a tese do dom. Pellegrini afirma que descobriu o seu próprio dom — o da escrita — aos 13 anos e, desde então, nunca deixou de escrever. “O dom capta as coisas. Esse dom não é mérito de quem o tem, diz respeito à loteria genética, pode cair em qualquer um. O mérito de uma pessoa com dom artístico é cuidar dessa dádiva e aperfeiçoá-la.” Pellegrini também comentou, com detalhes, o processo de criação de seu mais recente romance, *Herança de Maria* (2012), que surgiu da dificuldade de relacionamento com a sua mãe, já falecida. “Para mim, mais que um romance, trata-se de um processo de vida. Não escolhi nada. Fui conduzido em um processo no qual fiz esse livro e o livro se fez através de mim.” A seguir, os principais momentos do bate-papo.

A gênese do leitor

Meus pais se separaram quando eu tinha sete anos e meio, e fui morar em Assis. Um pintor deixou em nossa casa duas pilhas de revistas e comecei a ler. Li e reli todo aquele conteúdo. Era uma felicidade ler aquilo. Na revista *O Cruzeiro*, havia colaboradores como o Millôr Fernandes, que assinava com pseudônimo, além do David Nasser e um fotógrafo maravilhoso, o Jean Manzon. O David Nasser inventava textos-legenda incríveis sobre um assunto que, para um jornalista sem talento, não pareceria assunto. Lembro de uma matéria na qual eles seguiram um cachorro pelas ruas do Rio de Janeiro. Inesquecível. Aquilo tudo me envolveu tanto e senti que algo me chamava, mas, na época, não sabia o que era nem o motivo.

Crença no dom

Mais tarde, tomei consciência do dom artístico. Acredito no dom. Todas as pessoas têm um talento e, às vezes, não sabem que talento é esse porque pensam que as artes são limitadas à pintura, escultura, dança, teatro e literatura. Não é só isso. Existe o dom da jardinagem, da culinária, da arrumação de ambientes, da conversação, de contar anedotas, etc. Uma pessoa pode ter um ou mais dons. Lendo, descobri que eu gostava de histórias que falam da vida. Aos 13 anos, comecei a escrever.

Devorador de livros

Entre os oito e 13 anos, comecei a procurar livros, e chegaram até minhas mãos obras maravilhosas. *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, etc. Aos 14 anos, já tinha lido parte considerável da literatura brasileira, incluindo os poetas. Quando estava no segundo ano do ginásio — hoje chamado ensino fundamental —, uma professora perguntou se alguém sabia declamar, sem ler, apenas

de memória, algum poema. Quem soubesse, ganharia um ponto na média do mês. Levantei a mão, e disse: “Conheço vários poemas, principalmente de Castro Alves”. A professora pegou um livro do autor para conferir o texto enquanto eu declamava. Falei tudo direitinho, e ganhei dois pontos na média para o ano inteiro. Naquele tempo, não se usava a expressão bullying. Durante o recreio, os colegas me chamavam de “caxias”. Nunca me esqueci, mas adorei. Vi que havia um caminho ali, que eu poderia ganhar coisas com aquilo.

O olhar da mãe

Quando identifiquei em mim essa tendência para a leitura, minha mãe agiu rápido, e com precisão. Naquele tempo, havia vendedores que ofereciam livros na porta das casas. Minha mãe comprou uma enciclopédia, um dicionário que tenho até hoje, e diversas coleções de literatura, publicações encadernadas, bonitas.

O método da distração

Já não frequento mais bibliotecas. Peguei conjuntivite oito vezes por manusear livros velhos e, em seguida, coçar os olhos. Mas devorei bibliotecas. Na Biblioteca Municipal de Londrina, eu lia tudo, poesia, romance, etc. E também as enciclopédias, não para procurar algo: você finge que não está achando nada para o assunto te achar.

Tudo é história

Pratico vários gêneros, prosa, poesia, etc. Basicamente, sou um contador de histórias. Quando falo que sou um contador de histórias, não estou em má companhia nem me diminuindo. Homero foi contador de histórias, Camões também. As grandes obras da literatura universal são nada mais nada menos que grandes histórias. Penso que, quando o cidadão conta uma história, ele atende a um desejo íntimo e ances-

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

tral do ser humano, que é ver tudo em série, os fatos ligados desenvolvendo o que chamamos de história.

Discutir a relação

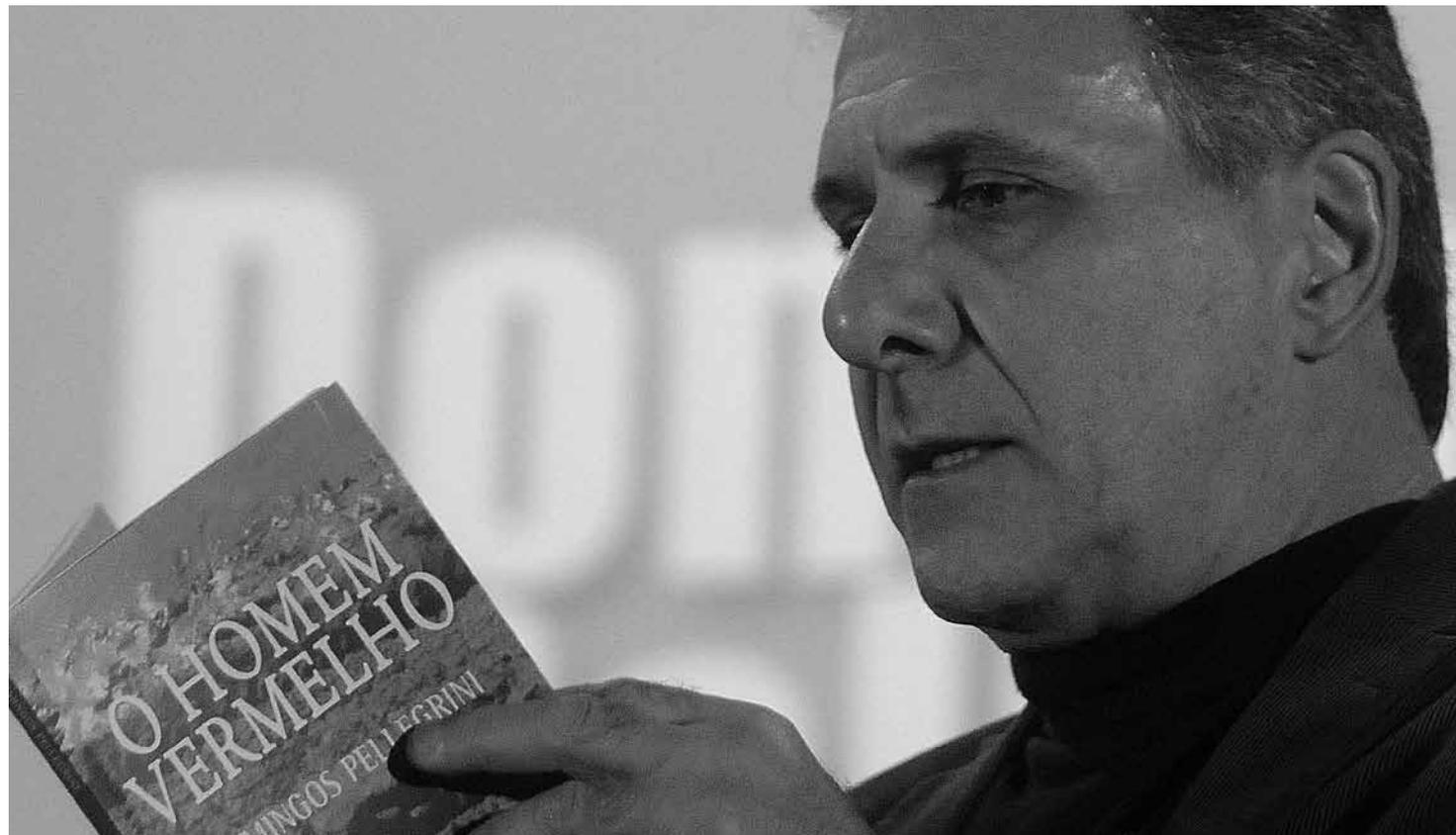
Estamos aqui neste planeta e temos o tempo todo uma história se desenvolvendo junto com a gente. Nossa família é uma história, o casamento é uma história. As mulheres quando querem discutir a relação, na realidade querem discutir a história. Para mim, história é algo muito poderoso. Tudo no ser humano é história.

Ocidente oriental

Embora a filosofia oriental diga que o importante é o agora, o agora também é resultado de uma história. Eis o grande conflito entre o sujeito ocidental e o oriental. O ocidental pensa tudo em perspectiva, levando em conta passado, presente e futuro. Já o oriental foca em um ponto só. Fui desenvolvendo meu lado oriental, mas nunca abandonei o viés ocidental de contar histórias, de ver causas e consequências entre tudo. Mas, como já dizia Jesus Cristo, cada um é o que é. A gente tem que desenvolver o que é natural em cada um de nós. Me sinto um contador de histórias, aquele ser que descende dos sujeitos que, ao redor de fogueiras, desenvolveram linguagem contando suas caçadas, diferentemente do escritor que posa como alguém que sabe apenas lidar com as palavras. Mais do que palavras, eu lido com a vida.

Loteria genética

Quando se tem o dom, você não controla nada. Nunca me programei para sentar e escrever um livro sobre determinado assunto. O enredo surge. Assim acontece com a poesia, com o conto e o romance. No caso da longa narrativa, o enredo é elaborado internamente durante anos, o escritor fica “grávido”. Eu não penso nem pla-



“ O haicai é um avanço na percepção, representa o casamento do Ocidente com o Oriente.”

nejo nada, o dom capta as coisas. Esse dom não é mérito de quem o tem, diz respeito à loteria genética, pode cair em qualquer um. O mérito de uma pessoa com dom artístico é cuidar dessa dádiva e aperfeiçoá-la.

Tema que se impõe

Nunca pensei em escrever um livro sobre minha mãe. Veja que coisa interessante: estava brigado com ela fazia sete anos, e a situação me incomodava. Eu ia lidar na chácara e ficava pensando na minha mãe, com a impressão de estar certo em brigar com ela, uma megera, que queria controlar a vida de todo mundo. Até que a minha esposa, a Dalva, me pegou pelo colarinho, e disse: “vamos visitar sua mãe, ela está ve-

lhinha, pode ter mudado e, se não mudou, vamos perdô-la”.

Um renascimento

De fato, minha mãe havia se transformado em uma velhinha, não conseguia mais controlar nada e estava precisando de apoio. Era apenas a minha mãe, que aprendi a respeitar e a amar novamente. Foi um renascimento para mim. Eu havia começado a escrever um livro de memórias familiares, que iria se chamar *Coração de pilão*, e incluía fotos. Houve modificações na proposta, e o título mudou para *Cacos de mosaico*. Então, retirei as fotos e o livro deixou de ser apenas de memórias de famílias e passou a ser uma obra memorialística. Minha mãe entrou em uma

fase terminal, e me dei conta de que ela realmente iria morrer.

Herança de Maria

A Dalva, minha esposa, falou para deixarmos minha mãe morrer em casa, o que, inclusive, era um pedido que ela havia feito para mim. Percebi, então, que tinha outro livro nas mãos. Na realidade, o que se anunciava era um romance, misturando lembranças de vida com esse drama de você ter, ou não, de abreviar a vida de sua mãe. Nesse meio tempo, o código de ética médica mudou, autorizando as pessoas a fazerem a eutanásia. Estava decidido a não deixar a minha mãe sofrendo, alimentando-se por sonda no hospital. Eu tinha de tomar uma atitude, exatamente como está no livro. Um dia, fiz massagens nos pés da minha mãe, como a Dalva pediu. No dia seguinte, minha mãe morreu, em paz, tranquila. Aí, o livro mudou. Minha mãe tinha me deixado como herança esse livro, para eu

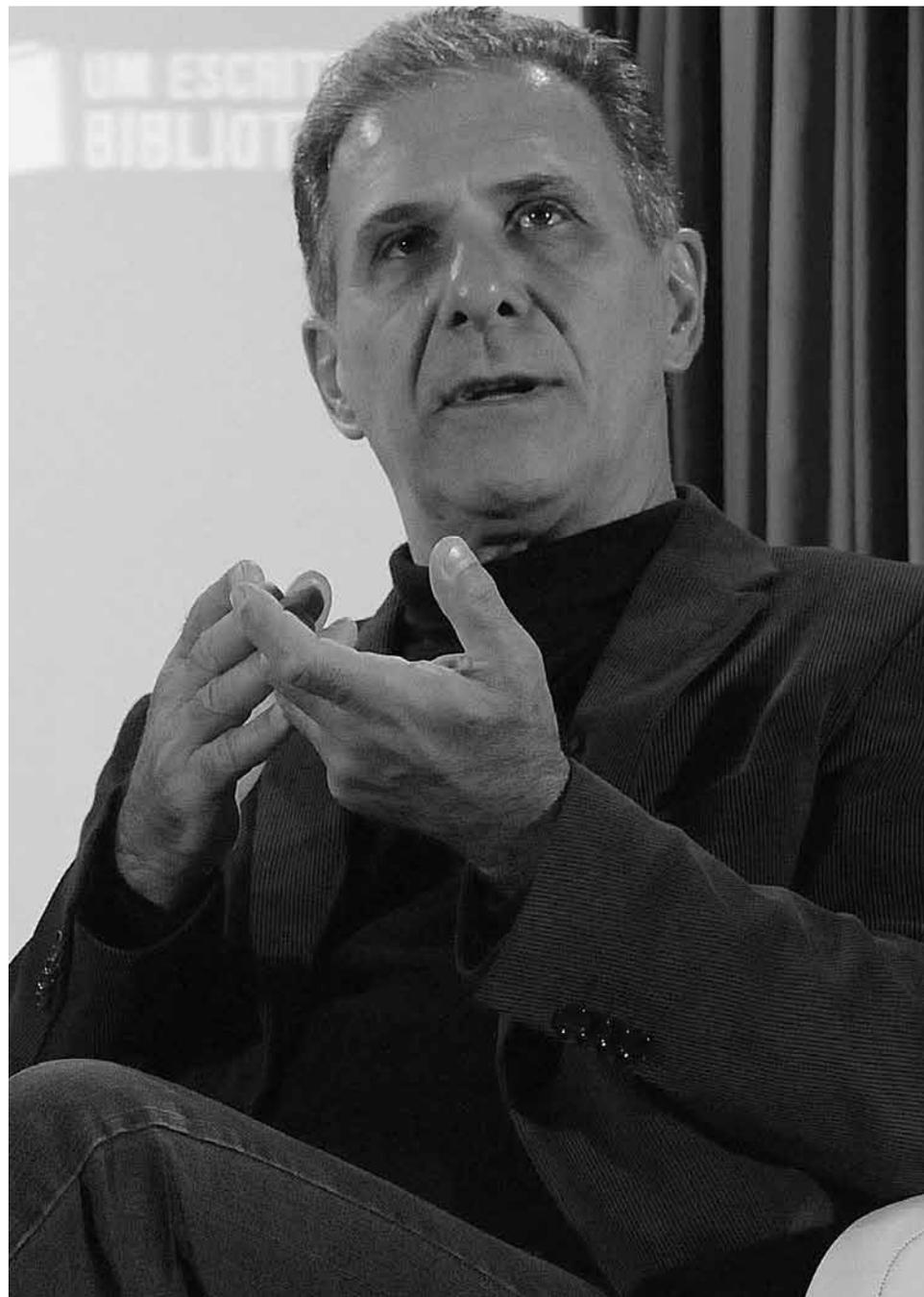
entendê-la e para iluminar outras famílias que, às vezes, precisam aprender a perdoar. O romance passou a se chamar *Herança de Maria*, e demorou oito anos para ser escrito. Para mim, mais que um romance, trata-se de um processo de vida. Não escolhi nada. Fui conduzido em um processo no qual fiz esse livro e o livro se fez através de mim.

Primeira pessoa e *O filho eterno*

Mostrei o original de *Herança de Maria* para três pessoas: Dalva, minha mulher, para o Miguel Sanches Neto e para um escritor de Londrina, o José Antônio Pedriali. O Zé Antônio sugeriu umas mudanças no final do livro. A Dalva deu sugestões desde o início do processo. O livro foi escrito na primeira pessoa e cogitei que, mesmo sendo ficção, muita gente poderia falar e pensar que eu queria matar a minha mãe. Enviei metade do livro para o Miguel Sanches Neto e ele sugeriu que eu colocasse tudo na terceira pessoa. O Miguel, inclusive, citou o romance do Cristovão Tezza, *O filho eterno*, que é narrado em terceira pessoa. Reescrevi 20 laudas na terceira pessoa, e gostei. Então, reescrevi o livro todo. Foi um processo complexo elaborar esse livro. Tenho as versões anteriores no computador, material que poderia ser uma maravilha para aulas de Teoria da Literatura.

Afinação do enredo

Quando um tema surge, ele chega meio formatado. A linguagem da criança é mais mágica e simples. A do jovem tem de ser envolvente, com alguma paixão. Já a do adulto, pode admitir tortuosidades, fragmentações. Você não pode querer colocar no colo do jovem textos complexos, como *Fausto*, do Goethe. É um erro o que fazem na escola quando apresentam *Dom Casmurro* para o jovem ler. Isso é um castigo. Do Machado de Assis, deveriam sugerir *O Alienista*, que é mais fininho, gostoso de



“ Para mim, história é algo muito poderoso. Tudo no ser humano é história.”

ler e abre a cabeça. *Dom Casmurro* é melhor a partir dos 20 anos, quando você já tem uma visão própria da vida. Caso contrário, o sujeito sai da leitura daquele longo e clássico romance achando que a vida é uma droga.

O simples é difícil

A busca pela simplicidade é o maior desafio. Seu Cid Garcia, o pioneiro idealizador da Viação Garcia, tinha uma frase maravilhosa: “complicar é fácil, simplificar é difícil”. Fazer uma obra

arquitetônica cheia de rebuscamento é fácil. Agora, produzir um projeto *clean*, funcional, bonito, com poucos traços, é muito difícil. Vou citar um poema do Leminski: “a noite/ me pinga uma estrela no olho/ e passa”. Simples. Tem toda uma graça que você não consegue definir porque é, justamente, engraçado. Veja, não tem rima, não tem métrica, não tem ritmo, é apenas um pensamento solto, mas todo gracioso. Essa é a suprema dificuldade. E é isso que eu persigo: fazer algo que não pareça rebuscado, que não dê a entender que eu sentei para fazer aquilo.

Não parecer literário

Quando comecei a escrever, havia lido toda a obra do José de Alencar a partir de uma das coleções que minha mãe comprou. Eu ficava com raiva quando ele, em meio a ações narrativas, parava para descrever um poente ou então gastava uma página descrevendo o semblante de uma donzela. Aquilo me irritava mesmo, era muito literário. Eu sempre quis fazer uma literatura que não parecesse literatura, mas que parecesse com a vida, que foi também a obsessão de Graciliano Ramos e Ernest Hemingway, meus grandes mestres. Um grande dançarino faz poucos gestos, mas todos são tensos e graciosos. A arte suprema, para mim, é essa da simplicidade com graça.

Fugindo dos lugares-comuns

No início de meu percurso, aprimorei muito a linguagem. Meu primeiro livro, *O homem vermelho* (1977), quase não tem adjetivo. A linguagem é toda muito objetiva, mas sempre com graça, envolvimento e ação. E, ao mesmo tempo, não utilizei lugares-comuns. Fala-se muito disso. Lembro que o Miguel Sanches Neto escreveu uma crítica de quase meia página, publicada na *Gazeta do Povo*, questionando a literatura do Jô Soa-

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

“Mais do que palavras, eu lido com a vida.”

res. O Miguel analisava os textos do Jô, calcados no senso comum, e a linguagem repleta de obviedades, como “disparou porta afora” e “falou em voz tonitroante”. Quando se usa expressões que todos conhecem, não é o escritor que está escrevendo, são os lugares-comuns escrevendo por você.

O homem vermelho

Me orgulhei quando saiu *O homem vermelho* (1977), que obteve ótima repercussão, e eu entendi o motivo. Além de dar voz às pessoas que não têm voz, na época eu era comunista e também queria dar voz aos marginalizados. Os personagens do meu livro de contos assumem a protagonização dos enredos e sofrem, e vivem, as histórias com suas deficiências e coragem. A crítica não apontou para essas nuances, mas entendi que o livro foi reconhecido devido à linguagem nova e a um modo peculiar de ver o mundo. Aí me lembro do crítico literário Wilson Martins (1921-2010), que dizia que o escritor, para ser grande, tem de desenvolver linguagem própria e apresentar a sua visão de mundo. O meu próximo livro vai iniciar com uma epígrafe do Martins, que dizia o seguinte: “Quem só entende de literatura, não entende nem de literatura”.

Raízes

Como sou uma pessoa muito ligada à terra, no sentido de vivência, das raízes, nada mais natural do que eu me embeber da cultura da região onde nasci. Até porque o nascimento é determinado por uma série de circunstâncias anteriores, de onde vieram seus trisavós, bisavós, até seu pai e sua mãe se encontrarem um dia, se enamorarem e terem você. Há toda uma cosmogonia, um arranjo universal para

você nascer ali. Acho que a pessoa que rejeita a sua origem é como se ela rejeitasse o universo.

Choques culturais

Vejo muita gente que saiu de Londrina e se deu bem. Fui morar durante três anos em São Paulo e voltei sem nenhuma saudade. Gosto da terra. Prefiro passar férias em uma pequena aldeia do que em uma grande cidade. Ano passado, passei um mês na Europa acompanhado da minha esposa. Ela nunca tido ido, e adorou Berlim, Amsterdam, Roma e outras grandes cidades. Eu me chateava com aquelas multidões. Gostei de ver as aldeias. Você percebe que a cultura de um povo emana, realmente, de todas as suas raízes sociais. Não são os artistas que fazem a cultura de um povo. Os artistas, muitas vezes, são moldados pela cultura. A cultura do povo nasce nas oficinas, nas padarias, nas fábricas, nos sindicatos, nas escolas, nas lavouras. É ali que se vê o sangue cultural do povo fervilhando. É isso que gosto de ver. Então, falei para a Dalva que, na próxima vez, quero viajar para o interior, de carro, parando de aldeia em aldeia, comendo um queijo aqui, uma linguiça ali, e participar de festas populares. Não quero entrar em uma igreja para ver um quadro do Caravaggio. Quero é entrar em uma igreja pobre e ouvir um passarinho cantar.

Fios da cultura

Entendo que a cultura é um tecido feito de muitos fios e são fios diferentes. Se não houvesse arte pela arte, não haveria uma série de obras-primas. Não houvesse a arte política, não haveria uma outra série de obras-primas. Você pega o *Cem anos de solidão*, do Gabriel García Márquez, e há trechos que são pura brincadeira, brincadeira verbal.

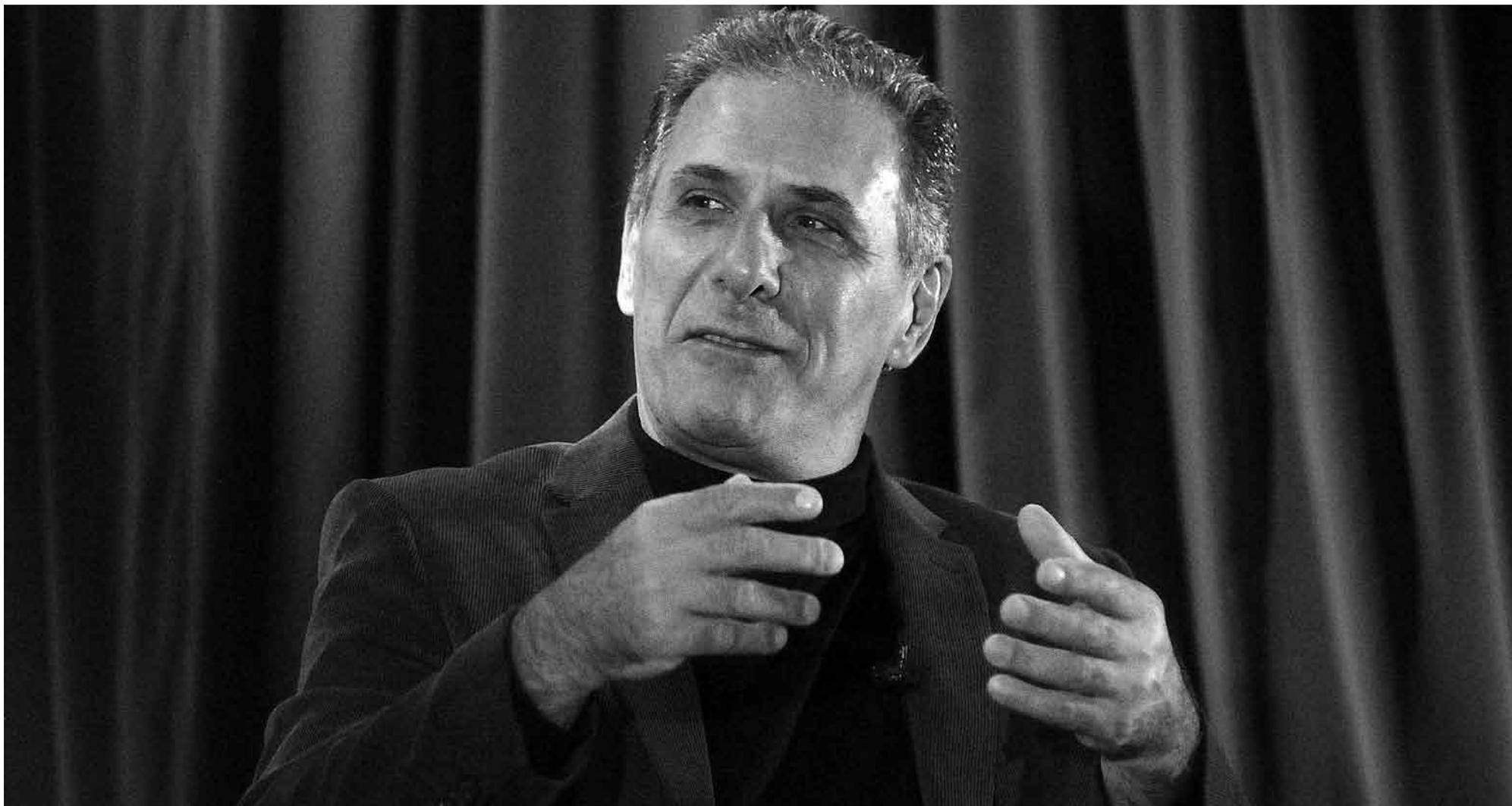


Por exemplo, naquele momento em que o narrador diz que choveu tanto que um caroco de abacate começa a germinar no bolso de um paletó dentro de um guarda-roupa. Isso é coisa séria? Isso é uma brincadeira, e é tão bonito. No entanto, nesse mesmo livro há trechos nos quais os mineiros que participaram de uma revolta popular e foram mortos são empilhados dentro de um trem que passa por aquelas estações escuras, simbolizando a ditadura escura, o que é altamente político. *Cem anos de solidão* é um livro que dá para citar como exemplo de que todas as funções podem conviver em uma mesma obra.

Diversarte

No dia 13 de maio, a *Gazeta do Povo* publicou uma crônica que escrevi, com o título de *Diversarte*, na qual citei uma frase do Leminski: “a arte não tem qualquer utilidade”. Ele disse aquilo num tempo em que havia muita ideologia na literatura, quando quem fizesse um conto ou poema e não falasse do povo, era um alienado. Era necessário escrever dia claro como sinônimo de liberdade, e trevas para falar, de maneira indireta, da ditadura. A situação era de castração, e o Leminski reagiu a essa falta de liberdade com lucidez, coragem e com o talento polemizador que ele tinha. No entanto, hoje tem gente que pega a frase do Leminski como se fosse uma máxima indiscutível. Então, fiz o texto da *Gazeta do Povo* para rebater isso. A arte pode

“Eu sempre quis fazer uma literatura que não parecesse literatura, mas que parecesse com a vida.”



ter múltiplas funções. A diversidade é a maior riqueza humana. O time que você monta não funciona se não tiver baixinho, alto, gordo e magro. Se você analisar todos as seleções brasileiras que ganharam Copa do Mundo, pode perceber, tem baixinhos, brutamontes, atletas perfeitos. A mistura funciona, inclusive no que diz respeito à arte.

Leminski e a guerra

Inicialmente, a minha relação com o Paulo Leminski foi conflituosa. Ele defendia a gratuidade da arte, e eu defendia uma arte comprometida. Estivemos em lados opostos, inclusive em polêmicas veiculadas em Curitiba. O Hamilton Faria, o Reinoldo Atem, o Raimundo Caruso e eu defendíamos

uma posição, e o Leminski, o oposto. Depois, fui me aproximando dele. O que nos uniu, por incrível que pareça, foi a arte militar. Durante muito tempo, fui fascinado por histórias de guerras, tática de guerrilha e estratégias. Eu não podia imaginar que o Leminski conhecia o Von Clausewitz, um teórico alemão das guerras. Começamos a dialogar assim. Passei a frequentar a casa dele, e ele também esteve várias vezes na minha casa, quando eu morava em São Paulo.

Polaco genial

Leminski era a pessoa mais inteligente com quem eu me encontrava para conversar. Tínhamos uma euforia para trocar conhecimentos, devido a

“É um erro o que fazem na escola quando apresentam *Dom Casmurro* para o jovem ler. Isso é um castigo.”

nossas posturas e visões de mundo. Fui o primeiro do meu grupo a romper com o marxismo-leninismo, e a perceber que a ditadura do proletariado seria apenas mais uma ditadura. Iríamos, simplesmente, trocar uma ditadura de direita por uma de esquerda. Quando falei isso para os meus colegas comunistas da época, todos me olharam como se eu tivesse uma espécie de lepra ideológica. Mas o Leminski entendia. Uma vez, eu

estava na casa dele, e chegou um cidadão que o convidou para ir a um encontro de um novo partido de esquerda. No ano anterior, o Leminski havia participado de uma convenção partidária cantando umas músicas, o que agradou os convidados. Mas o Leminski se recusou a participar do novo encontro, e disse: “desse brinquedo eu já brinquei”. Ele tratava a ideologia como brinquedo, como uma brincadeira.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Discordar com prazer

O Leminski e eu tínhamos essa capacidade de enxergar além e fora das ideologias, e isso nos unia, embora discordássemos a respeito de muitas questões. Mas, como a gente concordava que a variedade é a maior riqueza humana, discordávamos com prazer. Era gostoso ouvir ele defender os seus pontos de vista. E ele gostava de escutar o que eu tinha a dizer. Um grande encontro que tivemos foi quando eu descobri Jesus, mas não o Cristo cultuado pelas igrejas, cuja vida é tão deformada na Bíblia, e sim o Jesus Cristo que transparece nas parábolas. Um dia, cheguei na casa do Leminski, no bairro do Pilarzinho, em Curitiba, e ele perguntou o que eu estava lendo. Conversei que estava “lendo” Jesus. Ele se espantou, perguntado: “você também?”. É que o Leminski, naquele momento, estava escrevendo aquela biografia de Jesus Cristo, posteriormente compilada no livro *Vida*, com outras biografias que ele produziu. Tínhamos, enfim, esses encontros fulminantes, reveladores, e os desgastes contínuos, que eram absorvidos como gozação. Ele viajava com alguma frequência para São Paulo com a finalidade de encontrar os irmãos Augusto e Haroldo de Campos. Eu perguntava: “vai pastar nos campos?”. Assim era a nossa relação.

Autoaperfeiçoamento

Já disse que acredito ter um dom, e tenho de exercitar esse dom da melhor maneira, sendo coerente com a minha visão de mundo, procurando instigar as pessoas rumo a um mundo melhor. Agora, em termos de crenças pessoais, deixei de acreditar que posso mudar o mundo. Acredito, no máximo, em mudar um pouco as pessoas. E a única pessoa que tenho certeza de poder mudar sou eu mesmo. Passei a crer que a melhor ação que se pode fazer para o mundo é melhorar a si mesmo.



A jornalista Mariana Sanchez mostra o romance *Herança de Maria*, do escritor Domingos Pellegrini, durante o bate-papo na BPP.

O que você faz

Acredito que melhorei. Meu casamento com a Dalva foi muito bom nesse aspecto. Ao invés de reclamar que os outros não catam lixo, eu mesmo recolho detritos. Não reclamo que o mundo está mal no que diz respeito ao meio ambiente. Eu planto e cuido das minhas árvores. Pode parecer egoísmo, mas se trata de eficiência. Até porque a internet e a democratização e transparência das organizações sociais estão provocando a mobilização dos indivíduos. Nesse novo universo, quando você dá o exemplo, soma com outros que dão exemplo, o que resulta em uma união de forças poderosas. Logo, vai chegar o dia em que os

ciclistas não vão apenas exigir ciclovias, mas também vão deixar de cruzar o sinal vermelho e de circular na contramão.

Receita de Maiakóvski

Sigo o conselho de Maiakóvski que, no livro *Como fazer versos*, recomenda que o escritor sempre ande com papel e caneta. Aliás, o poeta russo fala em lápis e caneta. Tenho papel espalhado pela casa inteira, nos bolsos, no carro, viajo com papel. Porque a ideia surge, anoto no mesmo instante e depois desenvolvo no computador. Escrevo, principalmente, de manhã. À tarde, às vezes sim, às vezes não. No mais, vou pescar, cuidar da chácara. É como diz o doutor

Drauzio Varella: “Para você não cair, fique atento o tempo todo”. Se você quer ser escritor, ande com papel e caneta.

Ler para ser feliz

No Brasil, há esse grande impasse: muita gente pensa que ler é um luxo. Ler é uma necessidade! Hoje, para arranjar um emprego, você tem de se comunicar, precisa de relações humanas e profissionais ricas que se traduzam em uma vida melhor, para se ter saúde ser feliz. E a leitura, principalmente de literatura, proporciona condições para a felicidade. Um leitor olha determinada cena, do mundo real, e sente e entende tudo muito mais. ■

JUSTO AGORA

Ilustração: **Felipe** Rodrigues

Quando entrei no prédio e o zelador me entregou a cópia da chave, dizendo que ela saía arrastando uma mala sob aquele temporal, eu pensei, justo agora que eu tinha planos de mudarmos para uma casa maior (uma surpresa que eu fabricava em sigilo), justo agora que ela estava trabalhando e não me pedia mais conselhos (era um indício de que estava partindo de mim), justo agora que ela comia verduras nas refeições sem contar as calorias, justo agora que eu já sabia dispor no meu cadinho a medida exata dela para realizar a minha química, agora que havíamos inscrito nosso caminho à flor da terra, sulcando-a e revolvendo-a com as nossas próprias mãos (esses arados arcaicos e insuperáveis!), justo agora — porque sempre haverá um justo agora; a vida está sempre para ser terminada —, justo agora uma nascente, miúda, mas impertinente, brotava em meu pensamento, espirrando dúvidas e mais dúvidas: quem iria cultivar em mim, com tanta sabedoria, a sua agricultura?; quem leria com a ponta dos dedos as tramas lavradas no meu rosto?; o que fazer com



os seus caminhos que eu tinha decorados em meus lábios?; de que adiantaria ser um cordeiro se não haveria mais nenhum altar para o sacrifício?; de que valeriam os sacrilégios que eu cometeria se ela já não frequentava a minha missa?; quem receberia, ajoelhada, com tanta fé, a minha hóstia fervente?; que rosto mereceria as unhas da minha razão, que, de propósito, eu deixava crescer para machucá-la mais fundo?; quem passaria a planta dos pés no meu peito e, aos poucos, iria extrair de mim o fruto mais saboroso?; quem comandaria a oficina onde era cunhada a minha alegria clandestina?; quem colocaria numa só argola a volúpia e a ternura que saíam de mim como dois braços?; quem, com as orações certas, curaria o meu silêncio em carne viva?; como alçar voo se agora só haviam tocos de asas às minhas costas?; quem diria, com um raro senso poético, roubado da convivência comigo, *me seque com a sua língua*?; quem ela chamaria quando tivesse fome de minha boca e sede de minha saliva, como era comum desde os nossos primeiros dias até esta manhã em que, ao contrário das palavras brandas, foram suas injúrias rascantes que irromperam em meus tímpanos?; quem começaria a me desnudar, não pela roupa, nem pelos óculos, retirados lentamente, mas com o olhar?; quem eu destamparia, como uma ânfora, para atender com seu gênio devotado a todos os meus pedidos?; o dedo de quem, molhado em champanhe, ela iria lambe antes de sorver outros volumes?; quem ela evocaria, no seu templo íntimo, quando a realidade a agredisse?; quem iria desfrutar no futuro dos aprimoramentos que eu fizera nela?; quem a encontrara como um caniço vergado pela ventania, e, após cuidar de suas chagas, a erguera forte e airosa?; como aturar os miasmas da solidão depois de ter sido

povoado por ela e conhecer, agora, as leis que governavam a saudade?; quem, sem respeitar seus (falsos) apelos, continuaria beijando seu pescoço, ligando, com a língua, a sua fábrica de desejo?; em que outros corpos, dali em diante, eu febrilmente a buscaria?; onde eu descobriria ruas e avenidas (ruas, principalmente) como as dela, nas quais eu passeara feliz, indo à medula dos bons momentos (porque o destino cobrava cada dia de felicidade com juroscenos, seria preciso quantidades colossais de alegria para compensar a mais comum das nossas aflições), onde, onde eu descobriria?; para quem eu iria dizer, em voz alta, a lição primeira do meu evangelho, *a verdade liberta*, depois de todas as mentiras que engendrara para prendê-la a mim?; o que eu iria fazer com essa reserva de carinhos, esse estoque de ironias, guardados unicamente para ela?; como ocultar da próxima mulher que o meu vinho buscava outra taça (*essas carícias não são pra mim, essa sua fome não me pertence*), como, como ocultar?; para que lugar iriam as frases, sujas de humanidade, que eu, manuseando a matéria da vida, preparava para ela?; como compensar os estragos que eu lhe fizera se ela me expelia, como a última baforada de um cigarro, com a devolução daquela chave?; quem, além dela, iria fazer de minha sede a sua fonte?; quem poderia implodir com tanta facilidade a minha arquitetura?; e onde, onde, onde eu encontraria um novo músculo, macio e pequenino, capaz de preencher o rombo em meu peito no qual cabia unicamente a sua mão? ■



João Anzanello Carrascoza é escritor. Redator de propaganda e professor universitário, publicou, entre outros livros, *Espinhas e affinetes* (2010), *Amores mínimos* (2011), *Aquela água toda* (2012). Vive em São Paulo (SP).

POEMA | MÁRCIO-ANDRÉ

aqui do estômago desta baleia
a cidade é um cardume cintilante
e a estátua de drummond tem as costas ao oceano –
[as estátuas são para os homens não para o mar]

cultivar um peixe por dentro
para um dia comê-lo

esperando uma mulher surgir da precisão da ossada

um dia somos felizes em nosso jardim cetáceo
e ela caminha suavemente ao meu lado
sonhando o domingo mais triste do mundo no subúrbio do lado de lá

um dia estamos na meia idade e bebemos porque não há opção

e o guindaste no cais estará esmagado como um inseto morto
diante das mil falhas na goela das águas

o mar está na foto dos homens não no sonho das estátuas

Márcio-André é escritor, artista sonoro e visual radicado na Espanha. Publicou *Intradoxos* (2007) e *Ensaio radioativos* (2008), além de outros trabalhos que foram traduzidos para mais de dez idiomas.

Ilustração: **Rafael** Antón



Primeiras leituras

Ilustrações: **Samuel Casal**

Escritores e especialistas contam como foram fisgados pela literatura e ensinam, na medida do possível, o caminho das pedras para se tornar um bom leitor



OMAR GODOY

São muitos os caminhos que levam um indivíduo a se envolver com os livros — e nenhum deles pode ser considerado correto ou infalível. Dos gibis da Turma da Mônica às histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo, da crônica de Luis Fernando Verissimo ao livro-porrada do Bukowski, as portas de entrada para o universo literário estão sempre prontas para serem abertas. Há até quem diga que os títulos esotéricos e de autoajuda podem ir além do alento existencial que prometem ao público (e incentivar o hábito da leitura).

“O que não se deve fazer é demonizar o entretenimento como valor na literatura. Isso afasta, ainda mais, as pessoas dos livros”, afirma Felipe Pena, escritor, jornalista e professor da Universidade Federal Fluminense. Autor de obras como *Fábrica de diplomas* e *O marido perfeito mora ao lado*, ele também é o organizador da recém-publicada coletânea de contos *Geração subzero*, que ressalta justamente a importância de uma produção literária mais popular e acessível.

Alfabetizado pelo avô, um imigrante espanhol que foi pedreiro no subúrbio carioca do Encantado, Pena lembra do primeiro livro que o capturou: *O gênio do crime, cult* infantil de João Carlos Marinho sobre um grupo de garotos em busca de uma figurinha difícil para completar um álbum. “Por outro lado, meu avô me proibia de ler Machado de Assis, dizia que era uma leitura muito difícil para crianças. Mas eu li assim mesmo, pouco tempo depois, o que prova que a proibição também pode ser um método pedagógico”, brinca.

Apesar de ter cursado doutorado e pós-doutorado em literatura, Pena diz que a grande lição aprendida na academia é a de não escrever

de forma hermética. E cita o filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov para expressar sua preocupação com a formação de leitores na contemporaneidade: “Ele disse que o perigo que ronda a literatura hoje em dia é o de não participar mais da formação afetiva das pessoas”.

Nesse sentido, é ponto pacífico que a escola não contribuiu efetivamente para que os alunos desenvolvam uma relação de afeto com os livros. “A verdade é que as crianças e os jovens passam a vida escolar inteira sendo afastados da literatura, que acaba se tornando uma disciplina tão aborrecida quanto química ou matemática”, diz Marcelo Mirisola, responsável por obras como *Joana a contragosto*, *Proibidão* e *Memórias da sauna finlandesa*, entre outras.

Para Mirisola, ninguém jamais deveria ser obrigado a ler os parnasianos e simbolistas — muito menos no período colegial. “A primeira experiência literária que me marcou profundamente aconteceu com *Meninos da rua Paulo* [clássica novela juvenil de Ferenc Molnár], que li aos 12 anos por causa da escola e nunca mais reli para não me decepcionar. Mas só fui me interessar por livros de novo lá pelos 20 anos, quando meu irmão apareceu em casa com o *Pergunte ao pó* (John Fante).”

Conhecido por livros como *Mãos de cavalo* e *Cordilheira*, o escritor e tradutor Daniel Galera relata uma passagem de sua adolescência que exemplifica perfeitamente esse abismo entre o que se estuda no colégio e o que se lê por prazer. “Lembro de ler *Cidade de Deus* [Paulo Lins] meio escondido na parte de baixo da carteira enquanto a professora falava de literatura brasileira para o resto da turma”, diz Galera, que inclui os gibis da Disney e da Turma da Mônica entre suas leituras iniciais.

“Lembro-me de ler *Vidas secas* (Graciliano Ramos) e de conhecer o trabalho do Henfil na mesma época. Então pareceu-me divertido fazer um mix dessas obras pois, mentalmente, ilustrava os personagens de *Vidas secas* com os traços frenéticos da turma da Graúna. Para mim, *Vidas secas* foi um belo desenho animado ilustrado pelo Henfil, que só eu tive o privilégio de assistir no perímetro da minha imaginação. Nesse momento, acho que tracei meu destino. Desenharia livros e histórias, impreterivelmente.

Priscila Vieira, cartunista.



Galera ainda cita uma edição ilustrada de *Pé de pilão*, de Mario Quintana, como o primeiro livro que realmente o marcou. “É uma história de retorno para casa, protagonizada por um menino que é transformado em pato por uma bruxa. É cheio de acontecimentos bizarros e momentos de forte poesia. Não lembro bem por que emocionou, mas certamente havia um componente mítico na historinha, o tipo de estrutura narrativa que parece programada na consciência humana desde a infância.”

A poeta e crítica Mariana Ianelli também conta que, apesar das leituras obrigatórias da escola, só passou a ter prazer pela leitura quando descobriu a biblioteca da própria casa. Aos 14 anos, ficou balanceada com obras de Cecília Meirelles e Mário de Andrade que encontrou na coleção da mãe. No entanto, um fato que nada tinha a ver com a literatura foi determinante em sua relação com os livros.

“Uma menina que era minha colega de escola, chamada Cassiana, morreu de uma crise de asma, e esse contato de perto com a morte de uma garota que tinha a minha idade acabou in-

fluenciando no meu recolhimento e me abrindo para esse caminho da leitura. A escrita também surgiu mais ou menos nessa época”, lembra.

Ou seja: as descobertas pessoais valem muito mais do que as indicações/imposições do currículo escolar. O problema é quando não se tem leitores na família, muito menos uma biblioteca por perto. É o caso de Paulo Lins, autor do já citado *Cidade de deus* e, mais recentemente, de *Desde que o samba é samba*.

Criado e educado em comunidades carentes no Rio de Janeiro, ele foi “salvo” por uma professora do ginásio que lhe emprestou *Papillon*, do francês Henri Charrière. “Eu tinha 13 anos e era o xodó dessa professora, que trouxe o livro da casa dela só para mim. Claro que adorei, era uma possibilidade de viajar para outros lugares sem sair do quarto”.

Lins, que também lecionou antes de se dedicar exclusivamente à carreira de autor, acredita que a principal função do professor de português não é ensinar gramática, e sim fazer o aluno ler. “Leitura precisa de incentivo, que nem esporte. Primeiro o garoto tenta, sai machucado do jogo, vai se desenvolvendo...”

“Minha mãe foi grande estimuladora de boa literatura desde o início da minha alfabetização. Ler um bom livro é das melhores companhias que eu posso ter. Já passei um bocado, já fui longe, já espiei muita gente. Mas o primeiro livro que me fez entender que a vida ia ser profunda foi *Meu pé de laranja lima* (José Mauro de Vasconcellos). Eu tinha 8 ou 9 anos. E até então lia coisas mais suaves. A saga do menino Zezé me tocou muito, chorei baldes, torci, vibrei, questioneei, amadureci até. Nunca mais li o livro, mas aquilo abriu uma porta sem volta. Que bom.

Letícia Novaes, atriz, comedianta e vocalista da banda Letuce.

“Os primeiros livros que marcaram foram, entre outros, *Eram os deuses astronautas* (Erich von Däniken), *O caso dos dez negrinhos* (Agatha Christie), *As aventuras de Tom Sawyer* (Mark Twain), *Vinte mil léguas submarinas* (Júlio Verne), *O cão dos Baskerville* (Arthur Conan Doyle) e *O livro dos seres imaginários* (Jorge Luis Borges). Este último foi o mais marcante, porque sempre tive fixação por seres imaginários. Encontrei e li o livro na casa de uma tia avó, onde via vários desses seres pelos intermináveis quartos e corredores.

Carlos Eduardo Miranda, produtor musical.

Best-sellers

Mas e os títulos de autoajuda e esoterismo, que ficam dispostos na linha de frente das livrarias? Podem funcionar como portas de entrada para uma literatura mais consistente? “Quem lê esse tipo de livro não está interessado em literatura, e sim em resolver seus problemas. Nunca vi alguém partir desse tipo de leitura para outras mais profundas”, diz Paulo Lins.

Mirisola é radical. Para ele, os padres, gurus e espiritualistas roubam leitores dos grandes autores. “Nem por milagre, já que estamos falando do sobrenatural, um livro religioso abre portas para a literatura. Mesmo porque Dostoiévski não vai salvar a vida de ninguém. O livro do Padre Marcelo vendeu mais de 7 milhões de cópias? Então são menos 7 milhões de pessoas que vão ler os meus livros.”

Mais moderado, Daniel Galeira acredita que esses gêneros, digamos, “funcionais” podem facilitar o hábito da leitura, mas não a transição para uma produção literária de “critérios estéticos mais sofisticados”. “Algumas pessoas simplesmente não estão interessadas em literatura, e isso não vai mudar”, afirma.

Já a literatura fantasiosa, voltada para o público infantojuvenil e simbolizada pelo fenômeno global da série *Harry Potter*, é vista com simpatia pelos escritores entrevistados pelo **Cândido**. “Conheço muitos jovens leitores da produção contemporânea que começaram a ler justamente com *Harry Potter* e outras séries do gênero”, diz Galera.

Felipe Pena acredita que J.K. Rowling (criadora do bruxo de óculos) deu uma grande contribuição para formação de leitores mundo afora, enquanto Mariana Ianelli problematiza a questão. “No caso dos fenômenos de mercado, a pergunta que se coloca é: o que essa literatura pede do nosso esforço pessoal, da nossa própria fantasia? O que nesses livros tão populares pode se tornar o nosso livro, aquele livro que ninguém lê senão nós, com a nossa perspectiva íntima?”

Problemática à parte, Paulo Lins prefere encerrar a discussão de modo prático. “Ao que parece, *Harry Potter* tem uma trama que envolve os jovens, que dá prazer em ler. Por isso está tendo essa vida longa. Literatura, antes de tudo, é entretenimento. Nós, os leitores mais críticos, que a complicamos.” ■

“Lembro que os primeiros livros que li na vida foram os clássicos juvenis da série “Vaga-lume”, clássicos juvenis. Depois, com uns 12 anos, fiquei viciado na coleção *A Inspetora*, do Ganymedes José. Tive a coleção inteira, era meu vício de fim de semana, queria muito ser amigo da Bortolina. Mas o primeiro livro “sério” que li e que fiquei completamente viciado foi *Macunaíma* (Mário de Andrade). Nunca havia lido nada tão empolgante. Eram tantas palavras que eu não conhecia, mas que me pareciam tão legais, que lembro de ter judiado do meu “Aurelinho” escolar. Nessa mesma época, comecei a ler muita poesia. Descobri Maiakovski, João Cabral de Melo Neto, Allen Ginsberg. Até hoje tenho meus livros de poesia do lado da cama para ler antes de dormir.

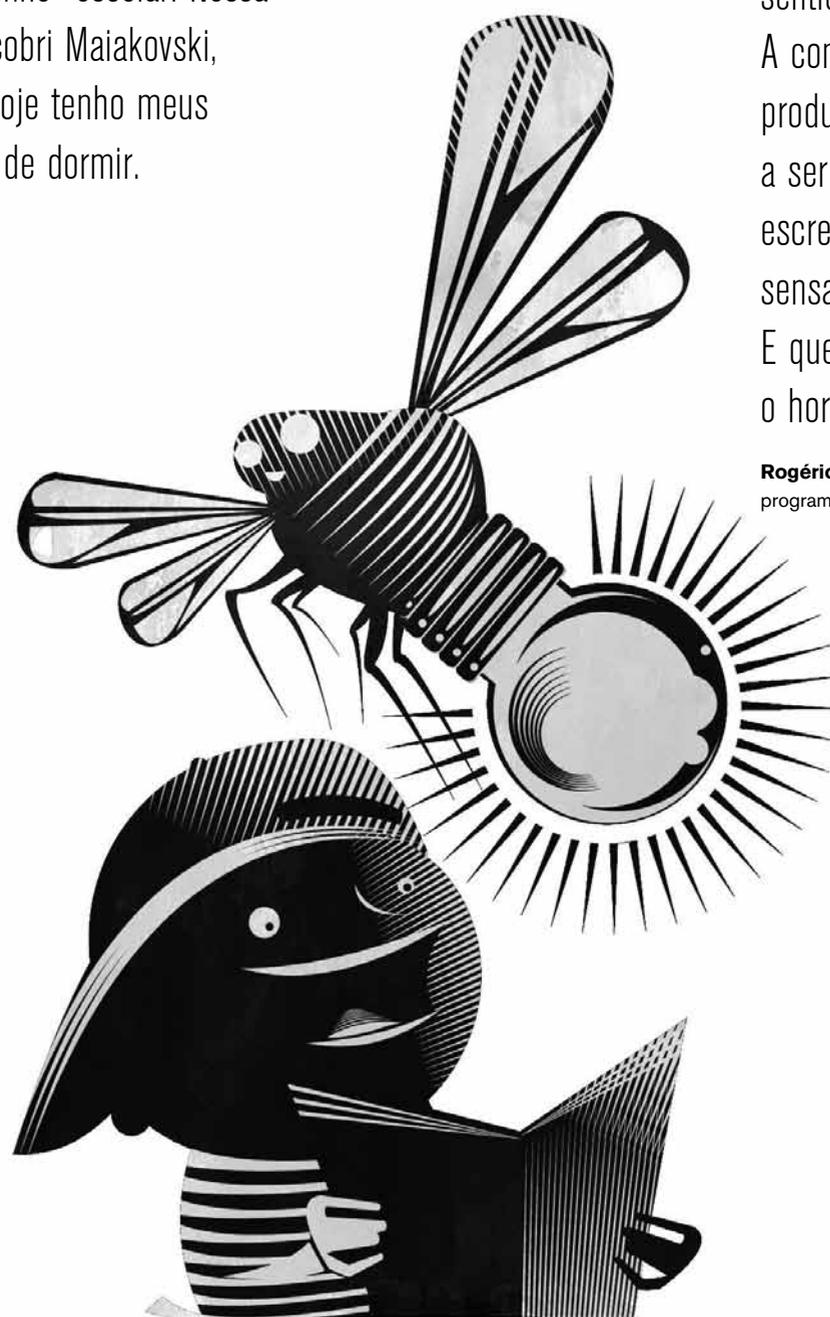
Adriano Cintra, músico, ex-Cansei de Ser Sexy e atual Madrid.

“Comecei a conhecer narrativas literárias antes de saber ler, porque era um costume dos meus pais lerem histórias infantis para mim e para minha irmã. Independentemente de considerá-los os melhores livros, existem alguns que por vários fatores acabaram sendo muito marcantes na minha vida. Como *Meu pé de laranja lima* (José Mauro de Vasconcellos), lá pelos meus 11 ou 12 anos, *O apanhador no campo de centeio* (J.D. Salinger), nos meus 15, *O estrangeiro* (Albert Camus), com uns 18, e *Ficções* (Jorge Luis Borges), com uns 20 anos. Acho que esses foram realmente marcos, descobertas, cada um em seu tempo.

Eduardo Baggio, cineasta.

“O primeiro livro que li foi *Robin Hood*, numa adaptação de Monteiro Lobato. Não sei precisar a idade que tinha na ocasião. Mas nunca fui precoce. Lembro, sim, que foi um vínculo afetivo: lia todo dia. No último dia, no último capítulo, chorei, pressentindo o fim. Foi quando percebi pela primeira vez o sentido da literatura: o amor e a morte. A convivência diária com o romance produziu o afeto (essa coisa que viria a ser primordial no meu ato de ler ou escrever). Afeto que chega a ser uma sensação física, diferente do intelecto. E que se intensifica quando visualizamos o horizonte do fim.

Rogério Skylab, poeta, músico, apresentador do programa *Matador de Passarinho*, no Canal Brasil.



Ler para estar no mundo

Como pessoas que tiveram pouco acesso ao ensino formal se tornaram, pelos mais improváveis caminhos, leitores dedicados

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Olhar de José Carlos Fernandes capta mais sinais entre o céu e a terra do que podem supor análises e estatísticos. O jornalista da *Gazeta do Povo* costuma encontrar sutilezas em linhas e entrelinhas, e saiu da leitura da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, publicada pelo Instituto Pró-Livro em 2008, com mais inquietações do que certezas. Naquele levantamento, o não leitor representava nada menos que 48% de todo o estudo — ou 77 milhões de brasileiros. Na aferição mais recente, divulgada neste ano, o número salta para 50%, o que representa 88 milhões de pessoas.

Os números têm potencial para provocar insônia contínua — afinal, sinalizam que quase metade da população de 190 milhões de brasileiros são não leitores.

A inquietação, no caso de Fernandes, se traduziu em pesquisa, entrevistas, análises e leitura. Entre 2007 e 2011, ele acompanhou 12 pessoas que, pelos mais improváveis caminhos, se tornaram leitores. A empreitada tem a finalidade de dar substância ao projeto de doutorado que ele vai defender, em breve, na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Os 12 leitores — da pesquisa de Fernandes — desafiam as estatís-



Fotos: Kraw Penas

José Carlos Fernandes: pesquisa para descobrir como surgem leitores.

ticas: deixaram a escola e, apesar disso, seguiram com a leitura. “Ler, para eles, é uma forma de tornar presente aquele prazer de descoberta do período escolar que, em alguma medida, lhes foi tirado”, diz o doutorando, que procurou encontrar as razões que levaram essas pessoas às páginas de livros, jornais e revistas.

Inevitável metamorfose

Quando ainda usava calça curta, Aldo de Brito Lima foi morar na Casa do Pequeno Jornaleiro, em Curitiba. Durante o dia, vendia revistas e jornais. À noite, estudava e, nos intervalos, passava os olhos nos produtos que o ajudavam a fazer um pé-de-meia.

Desde então, lê de tudo. Essa liberdade para fruir de Paulo Coelho a Dostoiévski sem culpa, nem medo de patrulha, chamou a atenção do jornalista e pesquisador da *Gazeta do Povo*. “Esses leitores, como Lima e os outros que acompanhei, leem de tudo e não se enquadram na máxima, segundo a qual o sujeito que lê vai ‘melhorando’ e se torna mais seletivo. Eles não. Leem sem escrúpulos”, analisa Fernandes.

Após deixar a Casa do Pequeno Jornaleiro, quando tinha 18 anos, Lima trabalhou, entre outras atividades, comercializando seguros e imóveis — e, em meio ao cotidiano e todos inesperados, sempre leu. “A leitura é uma maneira de viajar, sair da realidade”, comenta o catarinense de Canoinhas, hoje com 76 anos. Ele, inclusive, diz que, a partir do que encontrou nas páginas de muitos livros, conseguiu fazer uma interpretação do próprio percurso: “Fui ou acabei me tornando um tímido. E acredito que, devido a essa característica, dessa vocação para o mundo interior, me transformei em leitor.”

Presente que abre o futuro

As estradas que levam ao universo da leitura são as mais variadas,

e receber livros de presente pode funcionar como passaporte para entrar nesse admirável mundo de letras, enredos e símbolos. O italiano radicado em Curitiba Mirco Busani, hoje com 76 anos, foi presenteado, ainda *ragazzo*, com romances e outras brochuras, e se tornou leitor — diferentemente dos 87% entrevistados pelo Instituto Pró-Livro, na pesquisa divulgada em 2012, que são não leitores e nunca receberam um livro de presente. Coincidência? José Carlos Fernandes não considerava mero acaso.

O jornalista avalia que, no caso de Busani e dos outros 11 leitores que acompanhou, o fato de ganhar um livro pode ser o que fez a diferença entre, de fato, ler ou não ler. “Para eles, o livro, em algum momento, veio como presente, representando algo com valor, que inclusive pode e deve ser guardado embaixo do colchão.”

A leitura, e o Brasil, estavam no caminho de Busani. O pai dele veio fazer a América, ou melhor, implantar uma fábrica de máquinas de costura em Jundiá, no interior de São Paulo. Aos 16 anos, ele tinha apego à namorada, ao cachorro e aos amigos daquele contexto, na Itália. Mas sofreu apenas na partida, e se adaptou desde o primeiro dia — lá se vão 60 anos de Brasil.

Aprendeu o português a partir de sua curiosidade — da mesma maneira que descobriu o idioma italiano perguntado, principalmente para a sua mãe, Ida, o que estava escrito nas placas de sinalização. O zig-zague da vida fez com que o técnico industrial, com formação equivalente ao atual ensino médio, viesse para a capital paranaense, onde foi admitido em uma empresa e passou por diversos cargos até ser nomeado gerente de planejamento. Ele acredita que, entre outros fatores, sua experiência de leitor o auxiliou, e muito, no percurso. “A leitura me deu tudo o que consegui na vida. O que me



Timidez e curiosidade fizeram de Aldo de Brito Lima um leitor.

CAPA | PARA GOSTAR DE LER

preparou para eu ocupar os postos nos quais estive foi o volume de livros que li. Aprendi muito lendo, inclusive com as obras de ficção”, afirma Busani.

Ilumina até a madrugada

Durante as aulas que leciona para os alunos do curso de Jornalismo, na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Fernandes costuma citar Terezina Nicola Hubie como exemplo de alguém que se potencializou para a vida por meio da leitura. “Um leitor tende a desenvolver uma relação rica com a realidade, passando a emitir opiniões e se desviando, por exemplo, da ideia-força do fatalis-

mo e da alienação”, teoriza o jornalista.

De fato, a paranaense nascida em Porto Amazonas nunca se contentou apenas com o que estava pronto diante de seu campo de visão, como o trecho navegável do Rio Iguçu e a mata de *Araucaria angustifolia*. No Grupo Escolar Rocha Pombo, onde estudou até os 13 anos, ela começou a perceber que os livros podem viabilizar algo parecido com super-poderes. A professora de geografia falava sobre a escravidão no Brasil, citava Gabriel García Márquez e comentava clássicos do cinema norte-americano, como o longa-metragem *Casablanca*. Terezinha também sentia vontade de conhecer aqueles assuntos, e falar a respeito de tudo aquilo. “Aque-la

professora estudava, lia, procurava saber. Segui o exemplo”, conta. Nascia, naquele momento, uma leitora.

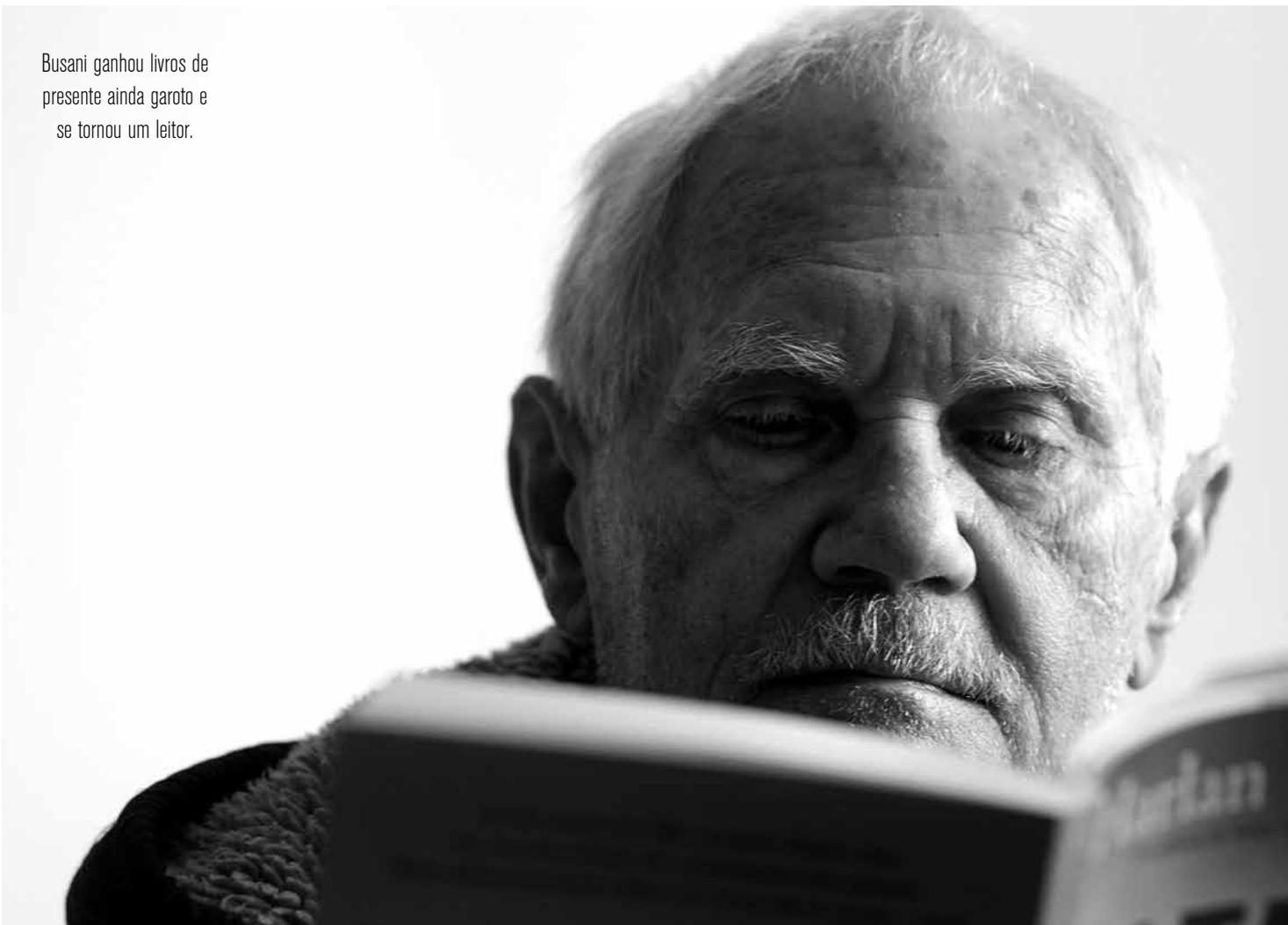
A roda-viva gira. Até os 19 anos, ela — após deixar a escola — trabalha em uma loja e depois no escritório de uma serraria. Então, casa com Arthur Hubie e, a partir de 1952, atua na área do turismo. São 60 anos na capital paranaense e, apesar dos compromissos do dia a dia, encontra tempo para ler. “A leitura é a melhor hora do dia”, confessa.

A leitora de 81 anos diz reparar que as crianças deveriam ler mais, incluindo os seus dez netos. “Quem lê, percebe tudo com mais clareza e não se deixa enganar facilmente”, afirma a mulher que acompanha o Programa do Jô,

lê jornais, livros de Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade e tem repertório para comentar a crise europeia, a pertinência da lanchonete popular do Aeroporto Afonso Pena e a sina do Coritiba em ser vice-campeão.

Fernandes faz os últimos ajustes no texto da tese e, um tanto aliviado, diz que cumpriu o seu objetivo inicial, de apresentar o perfil de 12 leitores — conteúdo que pode dar pistas de como é possível, apesar de pedras no caminho, se tornar leitor. “Sem o aval da escola, eles prosseguiram na leitura, têm vida pública, são reconhecidos e respeitados em seus grupos, e agem sobre o mundo”, reflete o jornalista e futuro doutor. ■

Busani ganhou livros de presente ainda garoto e se tornou um leitor.



“ A leitura me deu tudo o que consegui na vida. O que me preparou para eu ocupar os postos nos quais estive foi o volume de livros que li”,

Mirco Busani, técnico industrial.

Para Teresinha Nicola Hubie,
de 81 anos, a leitura é a
melhor hora do dia.



LER, VERBALIZAR E AGIR

Leia trecho da tese de doutorado sobre leitura e leitores que o jornalista José Carlos Fernandes vai defender na Universidade Federal do Paraná

A primeira marca está nas vias da memória: os 12 leitores se lembram, como se fosse um capítulo de uma saga, o momento em que a escola lhes foi tirada, apontando a cada um deles um destino diferente. O lugar que, como diziam os pais e parentes, lhes garantiria o futuro, não fazia mais

parte da vida deles. Teriam de trabalhar ou cuidar de marido e de filhos ou mesmo dos parentes envelhecidos. Nesse momento, foi como se desaparecessem na multidão dos brasileiros que têm suas vidas demarcadas pelas obrigações com trabalho.

Como previram sociólogos aqui estudados – Simmel, Park e Elias –, no entanto, nem todos se entregam às engrenagens da sociedade industrial, fazendo vingar uma identidade própria em meio às imposições do concreto e do óleo diesel. É quando aparece a segunda marca. Apartadas da escola, essas pessoas aqui acompanhadas – o que pode se estender por analogia a quem quer mais que eles representam – ficaram órfãos do melhor indicativo que poderia haver para se tornarem leitores,

profissionais e cidadãos, mas não perderam de vista as experiências gratificantes vivenciadas com os livros. Ler se tornou uma distinção em meio à realidade na qual foram lançados. A escola, de alguma maneira, permaneceu neles, ainda que não mais com eles.

Vingaram como leitores, e a seu modo. São únicos – pouco hierárquicos, instintivos, nada preconceituosos, versáteis e falantes. Falar é parte de sua condição de leitor, reafirmando a máxima de Bachelard de que “o sujeito falante é todo o sujeito”, o que indica que realizam a vida no espírito prevista pela prática dos livros. O ler e o verbalizar fazem parte de sua estratégia de retomada de um lugar no mundo – um mundo que, sem o auxílio da escola, lhes chegava como um desígnio pesado e sem cor.

Vampiros e malditos



Stephenie Meyer: sucesso com a saga "Crepúsculo".



George R.R. Martin: 15 milhões de cópias vendidas.



J.K. Rowling: fama mundial com os livros da série "Harry Potter".

Jovens leitores descobrem na literatura *beatnik* e na fantasia o gosto pela leitura

FELIPE KRYMINICE

Mais do que introspecção ou rebeldia, o hábito da leitura também pode ser tomado por outro viés: a busca da liberdade. Tanto para escritores quanto para leitores, a ficção — por mais que muitas vezes traga vestígios autobiográficos — é uma alternativa de fuga do cotidiano, estimulando o imaginário e permitindo a experiência prazerosa ao leitor.

Sob o signo da liberdade, alguns autores criaram obras cujo enredo prontamente atingiu o público jovem e seus anseios. Autores como Charles Bukowski, John Fante e Jack Kerouac tiveram como matéria-prima a música (*On the road*), o sexo (*Notas de um velho safado*), e a liberdade (*Pergunte ao pó*), falando diretamente ao público jovem.

Personagens como Arturo Bandini, criado por John Fante, e Henry Chinaski, presente na obra de Charles Bukowski, se tornaram heróis da cultura jovem, ainda que, na essência, sejam anti-heróis. *On the road*, de Jack Kerouac — que foi adaptado para o cinema por Walter Saller Jr. e está em cartaz nas salas de todo o país — ainda hoje aparece como um dos livros mais vendidos e lidos pelos jovens, o que prova que a ficção "maldita" de Bukowski e companhia tem sobrevivido bem à passagem do tempo.

Livro de inspiração autobiográfica,

Pé na estrada descreve as viagens através dos Estados Unidos e México de Sal Paradise e Dean Moriarty. Ao cruzar os Estados Unidos de carro, Sal Paradise e Dean Moriarty empreenderam a viagem que, segundo o autor, todos os jovens um dia sonharam em fazer, repleta de garotas, bebidas e, acima de tudo, liberdade.

O escritor Rafael Rodrigues, que mora em Feira de Santana, na Bahia, é um leitor que carrega no imaginário a herança afetiva de sua "fase bukowskiana e fanteana". Fisgado pela leitura, inicialmente por meio das crônicas de Fernando Sabino, ele conta que Arturo Bandini — alterego de Fante — continua sendo um de seus personagens preferidos.

Rodrigues acredita que parte do sucesso desse tipo de literatura se deve ao estilo autêntico das obras. "Bandini se acha um gênio, Henry Chinaski só quer saber de bebidas e mulheres, e nem um nem outro deixam de falar o que pensam, ainda que isso lhes custe o emprego ou mesmo o sucesso literário. Eles são autênticos e acho que, por isso, encantam os jovens", analisa Rodrigues, que trabalha como vendedor em uma livraria.

Na opinião de Rodrigues, os livros desse gênero passaram a disputar a preferência de jovens leitores com romances *best-sellers*. "Há alguns anos, era mais frequente ver jovens leitores procurarem livros de Charles Bukowski e John Fante. Hoje, os rapazes leem os romances de Nicholas Sparks", observa o escritor.

Rodrigues lamenta que, no tempo presente, há autores que escrevem livros para serem lidos em um final de semana e serem esquecidos em poucos dias. "Porque se tratam de histórias superficiais e insossas, cujos conflitos se



John Fante: autor do clássico *Pergunte ao pó*.



Charles Bukowski: poesia e prosa regadas a cerveja.



Jack Kerouac: o pai dos beats.

resolvem na última página, diferentemente dos clássicos, que ressoam por anos, décadas, séculos. O motivo? É que clássicos provocam discussões. É por essas e outras, que toda a obra de Nicholas Sparks não chega aos pés de 50 páginas de *Crime e castigo*”, analisa Rodrigues, que não fica um dia sequer sem ler.

Fantasia pop

Assim como a literatura *beatnik*, que se quer libertária e é considerada marginal, a literatura de fantasia também aparece como gênero que tem feito a cabeça dos jovens. Um dos nomes mais badalados dessa safra é George R.R. Martin, *best-seller* com a série *As crônicas de gelo e fogo*. O autor contabiliza mais de 15 milhões de cópias vendidas ao redor do mundo e lança mão de histórias densas, tramas bem amarradas, evocando intrigas shakesperianas, além de tratar de sexo e política para colocar em pauta a questão humana.

Pascoal Soto, diretor editorial da *Leya*, selo responsável pela publicação do autor no Brasil, acredita que a febre da “fantasia” não é um fato isolado, mas sinal de que o gênero tem força, e chegou para ficar — pelo menos por alguns anos. “Penso que esse sucesso seja uma consequência da grande evidência e espaço que esse gênero tem conquistado. Certamente adaptações para TV e cinema contribuíram muito para que os livros *fantasy* se estabelecessem e conseguissem público cativo”, diz Soto.

Eduardo Spohr e André Vianco, campeões de venda, são responsáveis pela consolidação da literatura de fantasia no Brasil — Vianco atingiu a expressiva marca de 700 mil cópias publicadas, mos-



Rafael Rodrigues: leitor dos beats e fã de John Fante.

trando, conforme apontou Soto, o bom momento que o gênero atravessa em terras tupiniquins.

No entendimento de Soto, esse fenômeno pode ser analisado como uma clara perspectiva de novos e assíduos leitores. “Livros como esses contribuem diretamente para a formação de novos leitores. Mais do que isso, criam leitores assíduos, interessados”, diz o editor, completando que, por exemplo, nas obras de George R.R. Martin, é possível perceber um fenômeno parecido com o que aconteceu na época das publicações de Harry Potter — série de obras que, certamente, formou toda uma geração de leitores. “Leitores esses que buscam, antes de qualquer coisa, bons livros. Vale lembrar que esse sucesso não é à toa. Antes de qualquer coisa, são ótimos livros, muito bem escritos. Na literatura, em qualquer gênero, quem permanece, quem fica, é quem faz bem feito.” finaliza o editor da *Leya* no Brasil. ■

Divulgação

Clarice na rede

FELIPE KRYMINICE

A internet e as redes sociais são outro grande chamariz para novos leitores. Não é preciso procurar muito para encontrar usuários postando e comentando trechos de obras de autores clássicos e contemporâneos. Na rede, fragmentos de obras são recortados e passam a ser reproduzidos como espécies de aforismos. Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu e Paulo Leminski são alguns dos autores que passaram a ter na rede uma repercussão, às vezes, maior do que a que tiveram em vida. Páginas que concentram citações dos autores atingem frequentemente um alcance de mais de 100 mil usuários. José Castello, crítico e leitor afetivo de Clarice, encara como positiva essa “febre” nas redes, destacando a aproximação dos internautas com o texto. “A verdade é que, por meio da *web*, muita gente — sobretudo os mais jovens, que dificilmente parariam para lê-la — começa a se aproximar de Clarice e de seus escritos. Há uma aproximação com o texto, e é isso o que interessa.” Embora parte desses internautas não aparentem ser necessariamente leitores da obra de Clarice, Castello considera que a *web* — por mais tortuosa que possa ser nesse sentido — pode aparecer como alternativa para se chegar ao destino desejado: o prazer da leitura. “É como se você, em vez de pegar a estrada principal, pegasse uma via secundária, esburacada, enlameada, cheia de desvios. Não é o melhor caminho mas, se você acaba chegando a seu destino, o que importa é que chegou.” O crítico e escritor ainda resume e simplifica o hábito da leitura e da formação de novos leitores, independente da plataforma: “É o prazer da leitura que forma um bom leitor”.

Cantadas, vaga-lumes e outros passos

Coleções e séries já foram responsáveis pelo momento inicial de leitura de várias gerações de brasileiros

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Angelita Martens tinha entre 6 e 7 anos quando começou a ler, e o início desse hábito, que segue até hoje, foi por meio de uma coleção. Na realidade, a partir dos livros da “Série Vaga-lume”. A curitibana, hoje com 37 anos, era aluna na Escola Estadual Euzébio da Mota, no bairro do Xaxim, na capital paranaense, e uma professora de língua portuguesa costumava premiar quem fazia as tarefas de casa e os que obtinham as melhores notas. Para esses, havia acesso ao armário de livros, onde era possível encontrar *O escaravelho do diabo*, de Lúcia Machado de Almeida, entre outros títulos da “Série Vaga-lume”.

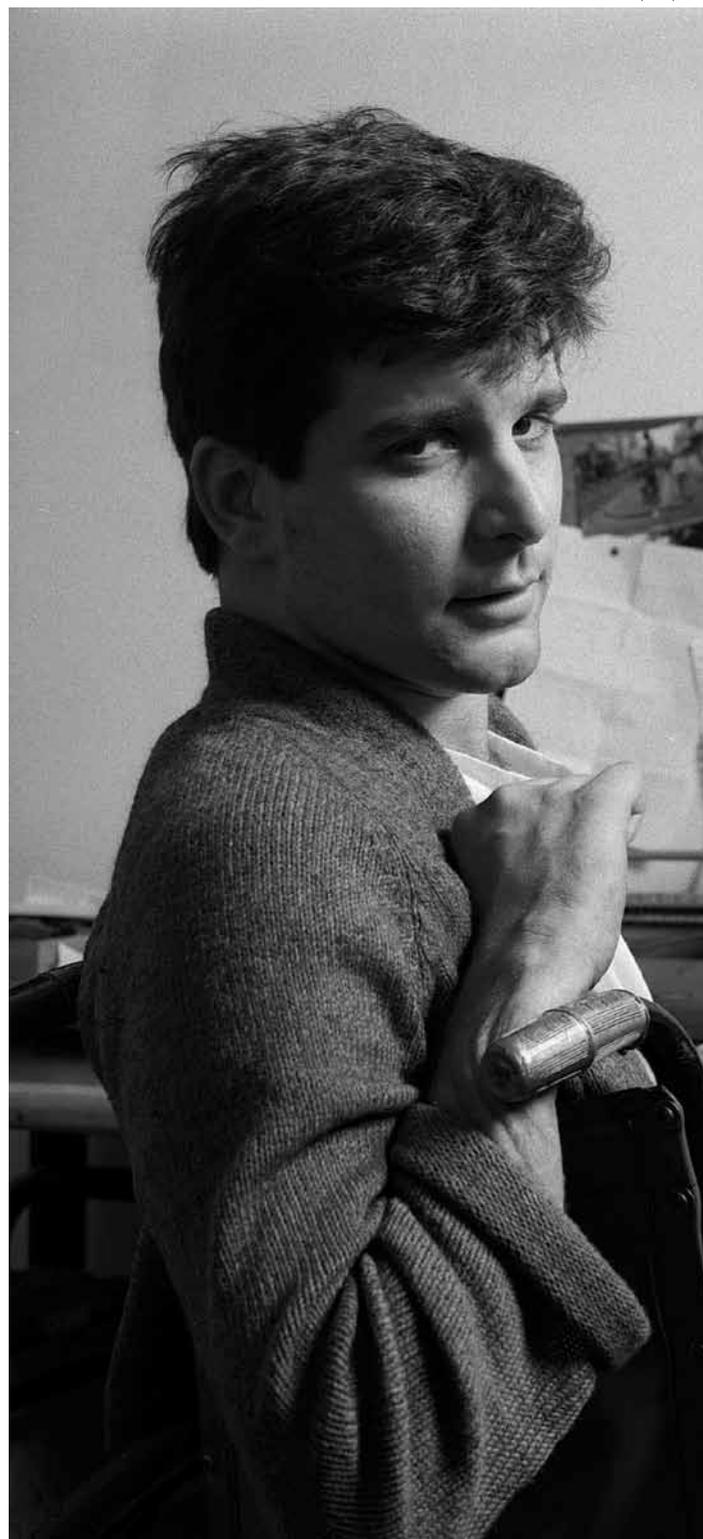
O percurso de Angelina não é exceção. A “Série Vaga-lume” foi — e ainda é — porta de entrada para a leitura. O assunto, inclusive, é estudado na academia. Catia Toledo Mendonça defendeu, em 2006, na Universida-

de Federal do Paraná (UFPR), a tese de doutorado *À sombra da Vagalume: análise e recepção da série*. Ela aplicou 240 questionários em alunos do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e as respostas apontaram que muitos aprenderam a gostar de ler, sobretudo literatura, com os livros da série.

Inaugurada com *O mistério das cinco estrelas*, de Marcos Rey, a “Vaga-lume” se consolidou durante os anos 1980. Catia explica que a série foi bem-sucedida porque reuniu livros que flertaram com o entretenimento, deixando de lado o viés pedagógico — característica de coleções produzidas anteriormente. “Essa mudança, do pedagógico rumo ao entretenimento, fez toda a diferença, e conquistou leitores. A heterogeneidade dos autores também foi responsável pelo sucesso da série. As obras da “Vaga-lume”, de fato, levam ao deleite”, afirma Catia, hoje com 57 anos, professora da Universidade Estadual do Paraná.

A especialista em leitura Marta Moraes da Costa analisa que a “Série Vaga-lume” foi importante para dois públicos: o leitor inicial e os professores. “Até hoje, no século XXI, muitos citam a ‘Vaga-lume’ como ponto inicial de leitura. E a série ainda resolvia um dos maiores problemas para os profes-

Arquivo pessoal



Marcelo Rubens Paiva fez uma obra de ficção a partir de seu percurso.

sores, a seleção de textos de qualidade”, comenta Marta, professora na Universidade Federal do Paraná e integrante da cátedra Unesco de leitura PUC-Rio.

Caminhos

Uma das primeiras iniciativas para conquistar leitores no Brasil, ainda na primeira metade do século XX, foi da Livraria José Olympio Editora com as coleções “Documentos Brasileiros” e a “Série Brasileira”. Monteiro Lobato, à frente da Companhia Editora Nacional, também viabilizou obras com a finalidade de fomentar a leitura.

Mas foi na década de 1980, mesmo período no qual a “Vaga-lume” vingou, que outras duas coleções repercutiram no imaginário dos leitores brasileiros. A coleção “Primeiros Passos”, da Editora Brasiliense — que retorna reformulada ao mercado em agosto —, apresentou a universitários e pré-universitários assuntos complexos de maneira didática. “Naquela época, a literatura teórica era um tanto inacessível, e a ‘Primeiros Passos’ surgiu oferecendo conteúdos relevantes com preços acessíveis”, comenta a professora Marta Morais da Costa.

Títulos como *O que é cultura*, de José Luiz dos Santos, *O que é arte*, de Jorge Coli, e *O que é pós-moderno*, de Jair Ferreira dos Santos, todos *hits* da “Primeiros Passos”, foram — e ainda são — usados em cursos da área de humanas. Autores que produziram para a coleção, como Marilena Chauí (*O que é ideologia*) e Teixeira Coelho (*O que é indústria cultural*) se tornaram referência em suas áreas de atuação.

A “Cantadas Literárias”, outra coleção da Brasiliense, também seduziu corações e mentes. A proposta, na opinião de Marcelo Rubens Paiva, chacoalhou o mercado editorial brasileiro, até então amortecido pela ditadura militar. “Naquele momento, os escritores não se sentiam motivados a escrever obras

que poderiam ser censuradas. As editoras enfrentavam um drama porque, se um censor vetasse um livro, todo investimento naquele projeto iria por água abaixo”, comenta Paiva.

Porcos com asas (1981), de Marco Lombardo Radice e Lidia Ravera, e *Tanto faz* (1981), de Reinaldo Moraes, duas das primeiras obras da coleção, mostraram o propósito da “Cantadas Literárias”: sintonia com a realidade, meio *beatnik*, meio *rock and roll*, um tanto despojada e coloquial.

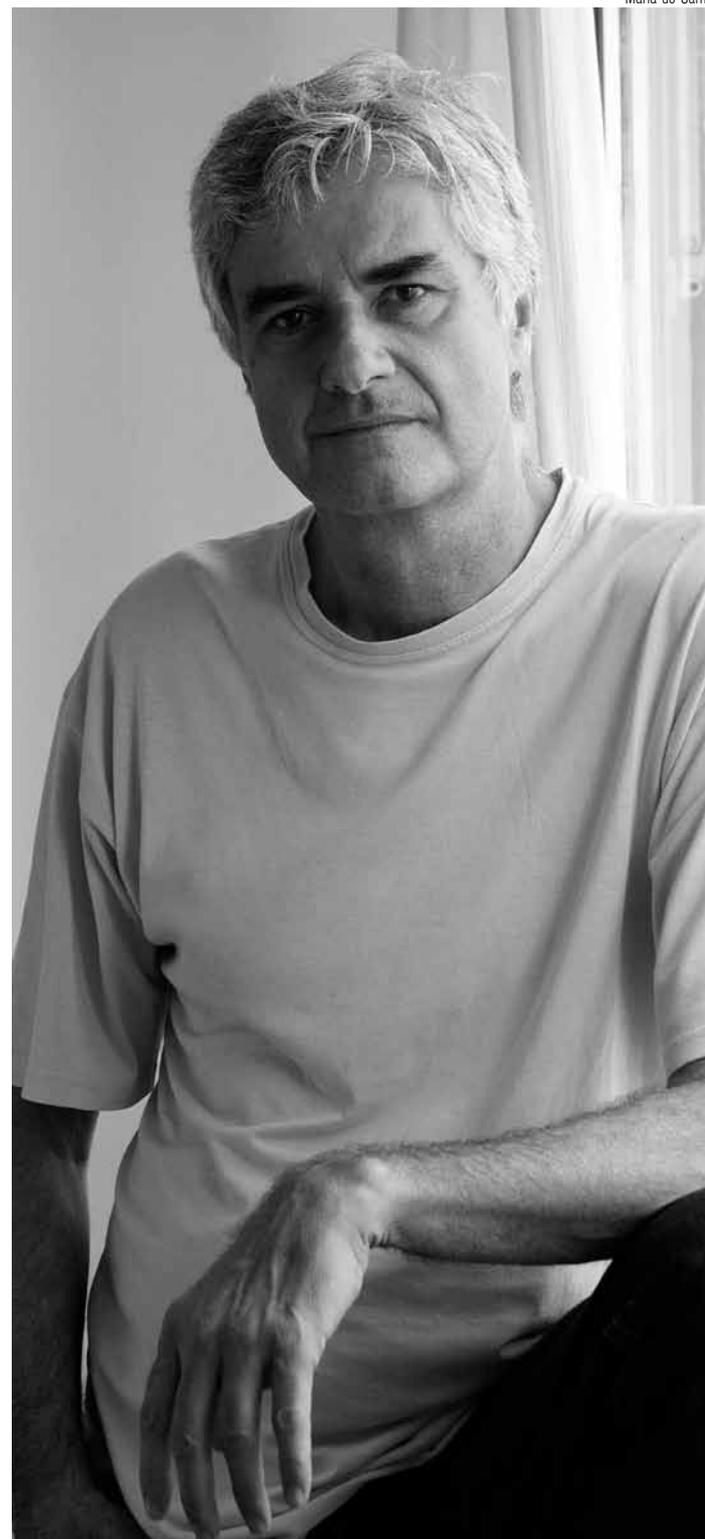
Caio Graco Prado, então editor da Brasiliense, encomendou a Marcelo Rubens Paiva um livro afinado com aquele *zeitgeist*. O resultado foi *Feliz ano velho* (1982), obra em que o autor faz uma releitura de sua trajetória e do acidente que o deixou tetraplégico. O livro teria dezenas de reedições, foi encenado, adaptado para o cinema e abriu caminho para Rubens Paiva no mercado editorial brasileiro.

À moda antiga

Apesar dos títulos da “Vaga-lume” continuarem disponíveis, as coleções já não provocam mais impacto como foram aqueles tremores de terra dos anos 1980. Faz tempo que não surgem séries arrasa-quarteirão. O que acontece no mercado editorial, a exemplo do que foi mencionado na matéria *Vampiros e Malditos*, são fenômenos cíclicos.

A professora Catia Toledo Mendonça observa que, nas mudanças de século, costumam acontecer, repetidamente, ondas místicas — e isso pode explicar a boa recepção de obras como *Harry Potter*, de J. K. Rowling, a reedição de *O Senhor dos Anéis*, escrito na primeira metade do século XX por J.R.R. Tolkien, e a saga “Crepúsculo”, de Stephenie Meyer. “É uma tendência, que está durando 12 anos, uma vez que esse ciclo começou junto com o século XXI”, comenta Catia, que leu alguns desses títulos e não os considera literatura de qualidade. “Mas,

Maria do Carmo



Reinaldo Moraes: autor de *Tanto faz*, livro que se tornou símbolo da coleção “Cantadas Literárias”.



Teixeira Coelho,
autor de *O que é
indústria cultural*

como sempre digo, é melhor ler livros de vampiro do que ver o Domingão do Faustão. São obras de entretenimento e, numa dessas, podem despertar o interesse para a leitura de outros gêneros”, opina a professora doutora.

Angelina Martens entrou no universo da leitura a partir das obras da série “Vaga-lume”, graduou-se em Letras e fez especialização em Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e leitura na PUCPR. Ela não reclama da ausência de coleções que, de fato, seduzam leitores no tempo presente. Professora no Colégio Estadual Inês Vicente Borocz, em Curitiba, recorre a uma prática que fez muita gente gostar de ler. Angelina seleciona textos e, uma vez por semana, lê — em voz alta — para os seus alunos, de 6 a 15 anos. “Hoje as famílias já não têm mais momentos de conversa. Por isso, procuro retomar, dentro da sala de aula, aquele tipo de diálogo no qual avó contava histórias para filhos e netos”, diz Angelina, a respeito das performances semanais que, ressalta, são bem recebidas pelos alunos — o que, para ela, pode ser um trampolim para uma vida de e com leitura. ■

Maria do Carmo



O escaravelho do diabo, **de Lúcia Machado de Almeida.**

Clássico da literatura infantojuvenil no Brasil, marco da “Série Vaga-lume” e obra responsável pelo início da atividade de leitura como hábito existencial, *O escaravelho do diabo* tem na primeira camada uma trama policial. Em uma pacata cidade, inocentes são vítimas fatais de um assassino misterioso que, não satisfeito em matar, envia a seus alvos embrulhos que contêm um escaravelho — daí o título do best-seller. “Dentro da caixinha não havia besouro algum, mas, sim, um pedaço de papelão, de uns três centímetros mais ou menos, no qual se achava pintado, em aquarela, um escaravelho com dois chifres.” Eis um trecho, mínimo, mas suficiente para entender a pegada irresistível do texto de Lúcia Machado de Almeida.



O que é indústria cultural, **de Teixeira Coelho.**

A coleção “Primeiros Passos”, da Editora Brasiliense, poderia se chamar Tudo o que você queria saber sobre determinado assunto, mas de forma clara. Afinal, os livros traziam, de maneira didática, informações básicas, por exemplo, sobre rock, ideologia, recessão, semiótica, umbanda e, no caso do livro assinado por Teixeira Coelho, indústria cultural — publicado originalmente em 1980. “Antes mesmo de iniciar-se qualquer processo de descrição do que vem a ser a indústria cultural, a primeira grande indagação que se quer ver respondida de imediato é: a indústria cultural é boa ou má para o homem, é adequada ou não ao desenvolvimento das potencialidades e projetos humanos?”. Com essa pergunta, abre-se uma obra que coloca todos os pingos nos is no assunto proposto.



Tanto faz, **de Reinaldo Moraes.**

Reinaldão, como o autor é conhecido, é um dos autores brasileiros que produz uma linguagem ágil, fluida e leve que beira o que pode ser chamado de liberdade. Em sua estreia, em 1981, com *Tanto faz*, ele consegue dar forma ao espírito daquele tempo, no qual havia expectativa pelo fim da ditadura militar, e o início de um tempo novo. “A cidade me excita todos os dias, como uma nova namorada”. Eis uma frase de seu livro, hoje um clássico da literatura brasileira contemporânea. Na obra original, publicada pela Editora Brasiliense, na coleção “Cantadas Literárias”, até a biografia do autor é leve, solta e provocante, como sua ficção: “Reinaldo Moraes é paulista da capital desde 1950. Tem verdadeira adoração por Fellini, pizza de muzzarella e vadiagem.”



Prêmio Paraná de Literatura

romance . conto . poesia

Inscrições até 31 de agosto

Edital disponível pelos sites da

Biblioteca Pública do Paraná www.bpp.pr.gov.br

Secretaria de Estado da Cultura www.cultura.pr.gov.br

Informações (41) 3221-4974



O FUTURO DAS BIBLIOTECAS

JOSÉ CASTILHO

Os cupins atacaram novamente a estante de minha casa que armazena algo que considero essencial para a existência: meus cantores e cantoras, orquestras, instrumentistas, músicas por todos os lados e gêneros, que são uma espécie de alimento que amo e preservo desde que me entendo por gente. Lá estão várias mídias que acompanharam minha vida já cinquentenária: DVDs, CDs, LDs, fitas cassetes, LPs e até alguns discos 33 r.p.m. herdados de meus pais e que esperam pacientemente minha sonhada compra de um gramofone! Foi justamente ao repor todo esse material precioso na estante, principalmente quando recolocava os LPs (ou disco de vinil), que comecei a fazer conexões com o que pretendia escrever neste artigo para o jornal **Cândido**.

Tenho LPs da década de 1960 e, quando eu os recolocava na estante após conter o ataque de cupins, me vinham as lembranças de como cheguei a eles. Morei até 1971 em uma pequena cidade no interior de São Paulo que, como milhares de outras do Brasil, tinha pouca informação do que se passava na cena artística e cultural, a não ser aquela veiculada pelas ondas do rádio e pela imprensa, já então censurada pela ditadura militar. Um dos vinis que mais gosto é de Ella Fitzgerald, que, quando o comprei, me despertou a paixão pelo

jazz em 1969. O primeiro grande LP de Elis Regina também foi limpo e devolvido para a estante, assim como um vinil que reúne poesia e prosa de Fernando Pessoa, outro que me trouxe luz e paixão naquela adolescência sem muitos horizontes visíveis.

Talvez pelo compromisso de fazer o artigo é que me dei conta de que todas essas joias musicais e literárias foram apresentadas a mim numa incrível e pequena biblioteca que reunia jovens como eu e outros, mais velhos, já universitários em São Paulo ou outros centros maiores, mas que se sentiam com o dever de frequentar e contribuir com o acervo de uma biblioteca na cidade onde nasceram.

Pertenci, sim, e disso me orgulho muito, a uma turma de sonhadores que tinha amor às bibliotecas naquela pequena comunidade, reunindo estudantes, professores locais, trabalhadores de várias profissões, donas de casa, aposentados, gente que gostava de ler e conversar. Lá nos juntávamos, levávamos livros arrecadados, doados, comprados, que pouco a pouco encheram algumas estantes e faziam as nossas primeiras leituras mais críticas. Era o que hoje chamamos de uma biblioteca comunitária, com aquela leveza e alegria que geralmente caracteriza esses espaços de compartilhamento espontâneo.

Foi nesse espaço que pela primeira vez ouvi falar de jazz e também de Ella Fitzgerald, assim como ouvi

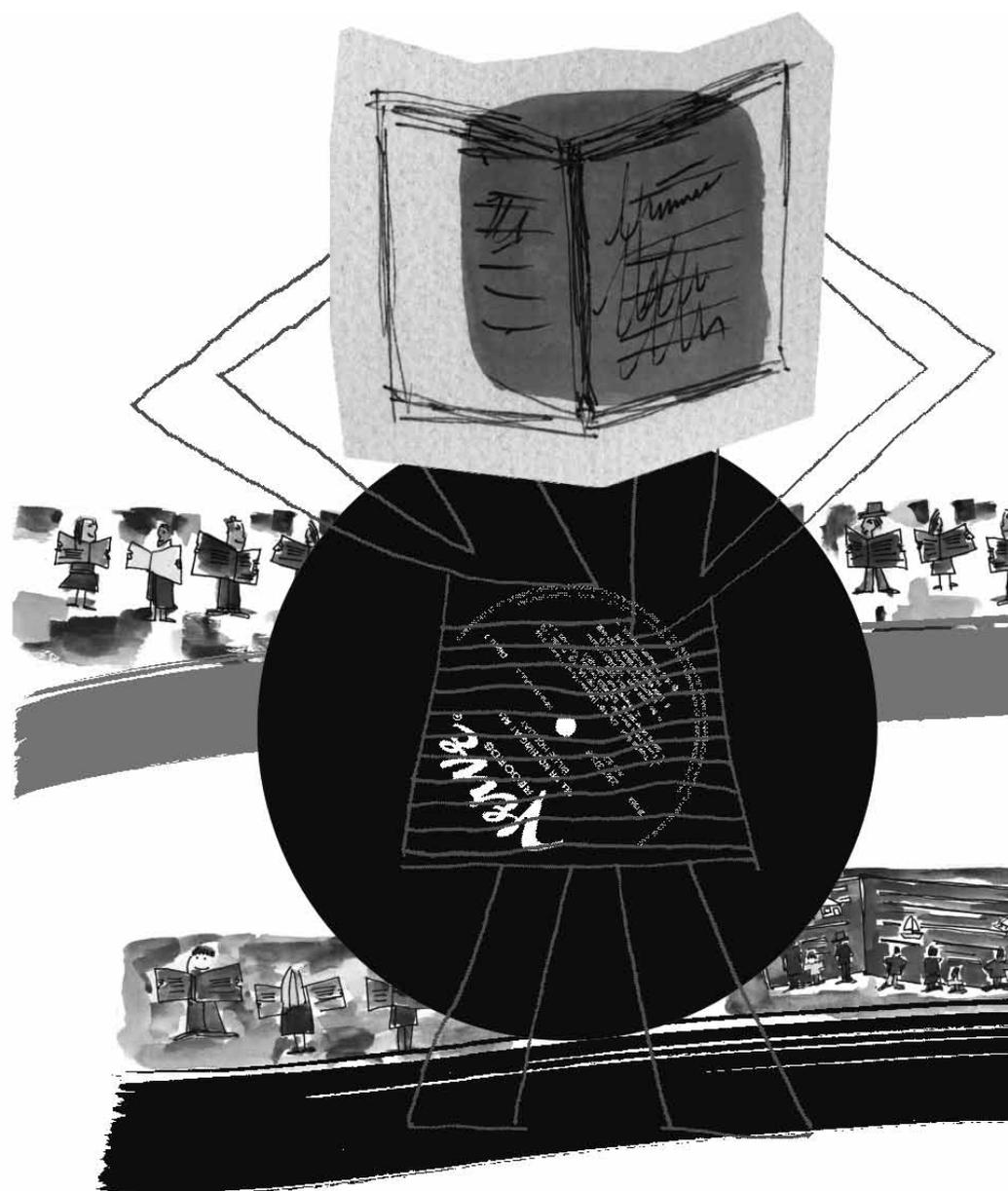


Ilustração:
Rita Solieri

pela primeira vez Elis e Geraldo Vandré. Sim, também havia música na biblioteca, ela não era silenciosa e austera onde as pessoas não podem conversar e trocar ideias. Ao contrário, se falava, e muito, se sorria e se gargalhava tanto quanto se podia... e também se cantava, porque dessa biblioteca surgiu um coral! Viramos cantores, passamos a curtir Bach, Beethoven e outros compositores clássicos que nos eram apresentados tão distantes nas aulas de música na escola pública que frequentávamos. No coral a maestrina Maria José Marotti nos apresentou certa vez a cantata *Carmina Burana*, de Carl Orff, e rapidamente nos remetemos aos livros que contavam da literatura e da vida na Idade Média e dos tais monges goliardos. A música nos levava aos livros, que nos remetiam a outras artes, à literatura, ao cinema, ao teatro, ao patrimônio, etc. A pequena biblioteca comunitária nos unia, nos embalava, nos animava a descobrir. Não era magia, era a própria essência do que deveria ser uma biblioteca.

Toda essa história pessoal pode parecer distante e anacrônica nos tempos da informação imediata, do compartilhamento virtual, das redes sociais e de formação a distância. Mais distante ainda se pensarmos que quase tudo que eu e meus amigos daquele final dos anos 1960 fazíamos para nos informar pode ser realizado hoje em casa ou em *lan houses*, sem precisar de nada e de ninguém a não ser de uma conexão com a internet.

Num contexto como esse, de tamanha independência quanto à informação, como ficará o lugar da biblioteca, aquela que Mário de Andrade por volta dos anos 1935 já identificava como “centros de informação e cultura”? Haverá um futuro para as bibliotecas? É esse também o pedido de artigo que a Biblioteca Pública do Paraná me faz!

O que vi em mais de trinta anos dedicados ao livro e à leitura, como profissional e como voluntário, e principalmente ao rever meus últimos cinco anos cooperando na construção do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) como seu secretário executivo — função que deixei em 6 de abril de 2011 — foi um Brasil que possui centenas de iniciativas que reproduzem minha experiência juvenil. Não idêntica, afinal, já se passaram mais de quarenta anos, mas com o mesmo espírito, a mesma missão voluntária, que é o resultado da vontade cidadã e comunitária de se auxiliar, ao auxiliar o outro a superar-se.

Iniciativas que passam pelo setor público e vão à sociedade em todos os seus estamentos, da casa grande às favelas, das igrejas às zonas mais des-sacralizadas das cidades, das escolas às comunidades de ajuda mútua para alcançarem as primeiras letras ou cultivar as adquiridas precariamente, milhares de ações se afirmam com enorme sacrifício e garra nesse nosso imenso país. Bibliotecas públicas modernizadas, interativas com as novas mídias virtuais, convivem com bibliotecas comunitárias, núcleos de leitura tradicional, sa-raus de poesia e conto, expressões das ruas e das artes principalmente daquelas artes literárias e musicais inovadoras que brotam fortemente e com excelentes frutos nas periferias das cidades.

Há, portanto, nesses espaços, algo que vai além do isolamento virtual e da autossatisfação das comunicações feitas pela internet, nas quais o individual se sobrepõe ao coletivo, e se o compartilhamento existe, ele não é o suficiente a ponto de acompanhar ou, sobretudo, realizar a sensibilidade do contato verdadeiramente humano.

O futuro das bibliotecas é para mim algo tão incerto quanto à capacidade que elas tem hoje de incorporar

esse mundo que, por um lado, favorece o acesso à informação de maneira individual e, por outro, se transforma com a reação de parte da sociedade que coletiviza aquilo que lhe é dado para ser manipulado isoladamente. Persiste, e de maneira exponencial pela textualidade virtual contemporânea, o desejo rigorosamente humano de compartilhamento. Saberá a biblioteca utilizar com eficácia esse desafio que se lhe oferece?

Estudiosos e profissionais experientes da biblioteconomia apresentam propostas que podem estruturar novos rumos para os serviços bibliotecários. Em artigo na Folha de S. Paulo de 2 de julho de 2012, o bibliotecário Luís Augusto Milanesi, um dos principais mentores e realizadores daquela biblioteca de minha juventude e professor titular da USP, afirma que “o papel da biblioteca não deve ser só emprestar livros, ainda mais com a internet. Ela pode servir ao cidadão promovendo a Lei de Acesso à Informação”. É uma proposta concreta que pode, junto a outros serviços que uma biblioteca viva oferece, socializar e, eu diria humanizar, o compartilhamento de informações, de formação cultural e artística, que somente um local de convívio democrático pode proporcionar.

O futuro da biblioteca estará ligado necessariamente à missão que ela designar para si própria no mundo contemporâneo, embora eu pense que, qualquer que seja essa missão, para que ela tenha futuro, não se pode esquecer que, antes de tudo, o espaço bibliotecário é o de compartilhar saberes, sabores e prazeres. ■



José Castilho é professor universitário e diretor presidente da Fundação Editora da Unesp. Dirigiu entidades e instituições do livro e da leitura e foi Secretário Executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura, vinculado aos Ministérios da Cultura e da Educação. Vive em São Paulo (SP).

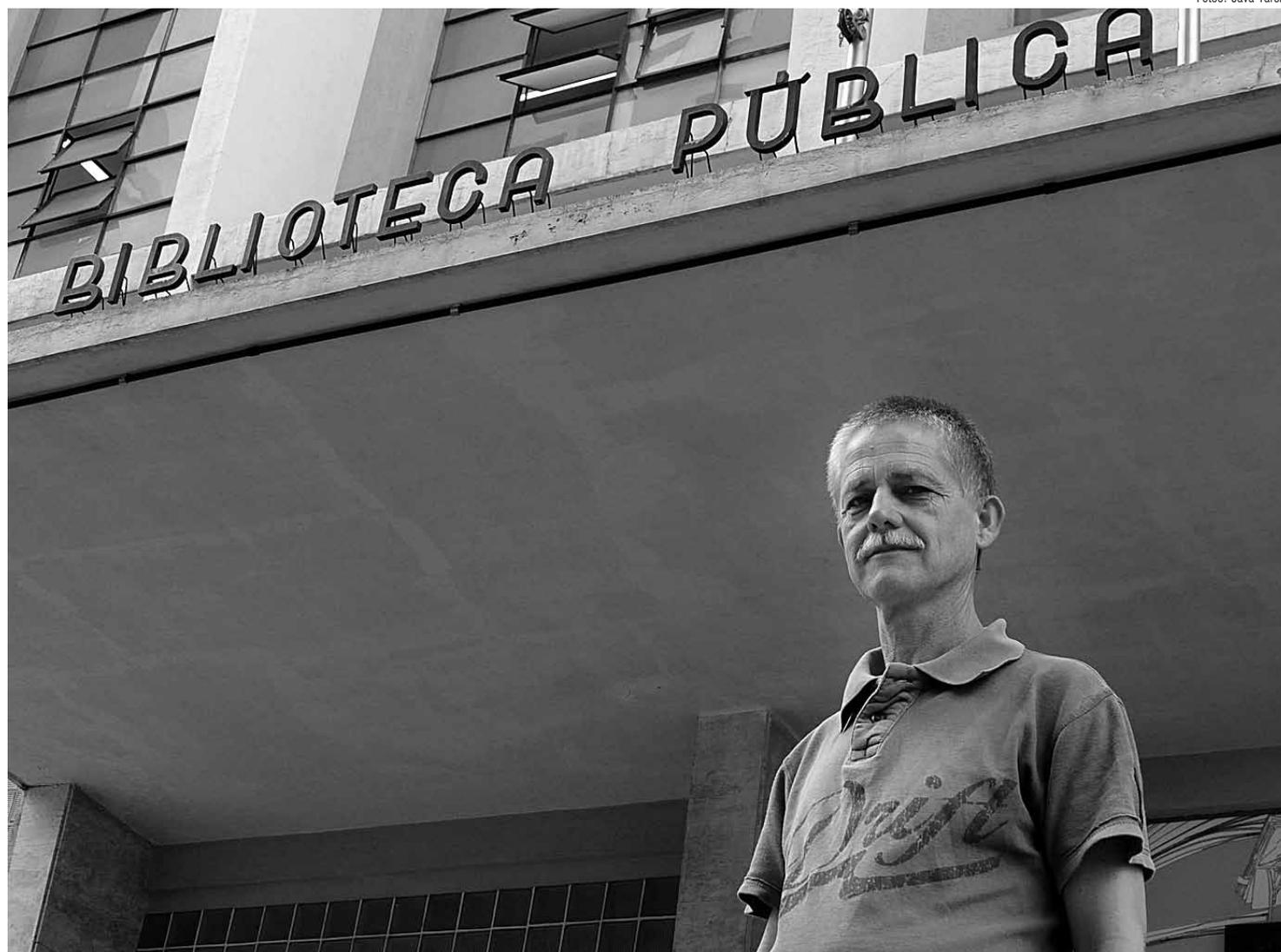
O leitor polifônico

Sérgio Luís Loes vai da saga “Crepúsculo” a Fernando Pessoa em um pulo. Assim se tornou um leitor voraz, que lê mais livros em uma semana do que a média anual do brasileiro

LUIZ REBINSKI JUNIOR.

Sérgio Luis Loes é um leitor incomum. O professor aposentado está totalmente alheio às ações que, tanto o mercado editorial quanto o Estado, parecem empenhados em realizar para difundir a literatura e o gosto pelos livros. Sérgio não vai a bate-papos com escritores, não compra revistas especializadas e não acompanha as novidades do mercado editorial. Nada disso o atrai. No seu campo de visão literário só há espaço para os livros, nada mais. Foi assim que Sérgio, um catarinense que há 15 anos mora em Curitiba, tornou-se — mesmo sem saber — o grande leitor da Biblioteca Pública do Paraná, que recebe, em média, três mil pessoas por dia.

Em um período de um ano, Sérgio leu 263 títulos. Tão impressionante quanto o número de livros emprestados, é a variedade dos títulos. No cardápio literário do professor, há de tudo: de Thomas Pynchon (*Vício inerente*) a Padre Marcelo Rossi (*Ágape*). Assim como o *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, pode estar na ordem do dia juntamente com *A cabana*, o *best-seller* escrito por William P. Young que mistura autoajuda e ficção. As



“ Parece que eu estou vivendo a história.”

sinopses dos romances que lê lhe vêm à cabeça com uma facilidade inversamente proporcional ao nome dos autores desses livros. “Leio tanta coisa que não consigo guardar”, diz.

Entre 2011 e 2012, Sérgio leu o equivalente a um 1,3 livros por dia. É como se lesse, a cada quatro dias, a média anual do brasileiro, que é de 4,7 livros, segundo a mais recente pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”. Entre os livros que

leu nos últimos meses, há romances de fôlego, como *Liberdade*, do norte-americano Jonathan Franzen, e *O amante de lady Chatterly*, de D.H Lawrence. Livros que costumam dar trabalho até mesmo para leitores experimentados. Diante de um leitor tão prolífico, é quase inevitável perguntar a respeito do seu método de leitura e se realmente chega ao final dos livros que empresta. “Não lembro de ter devolvido um livro sem antes acabá-lo. Uma ou

duas vezes devolvi um livro porque percebi que já o havia lido e sabia o final”, explica o professor, que diz ler um romance de 400 páginas em dois dias.

Primeiros passos

Para Sérgio, a porta de entrada na literatura também não se deu de forma convencional. Oriundo de uma família de não leitores, que não tinha livros em casa, Sérgio também não foi fisgado por Monteiro Lobato na infância, nem tampouco tem em sua lembrança afetiva um livro que marque o início de sua trajetória

“Leio tanta coisa que não consigo guardar.”

como leitor. A vontade de ler surgiu naturalmente: quando criança, lia tudo que lhe caísse nas mãos, de bula de remédio a receita de bolo.

Mas a explicação para o gosto pela literatura, segundo ele, encontra-se em sua personalidade retraída. “Não gostava muito de brincar com as crianças da minha idade. Não gostava de futebol nem de ficar na rua, então me isolava no meu quarto, para ler.” A timidez, aos 52 anos, ainda é um traço que persiste. Sérgio é um homem que fala baixo e de modo pausado, sem a eloquência que poderia se esperar de um leitor tão prolífico quanto ele. Apesar de uma década e meia vivendo no Paraná, ainda conserva forte sotaque catarinense.

Nascido em Indaial, cidade de colonização alemã do interior de Santa Catarina, Sérgio sonhava em ser médico. Depois de um revés no vestibular para medicina, entrou na faculdade de farmácia, que abandonou logo em seguida. Em 1978 iniciou o curso de odontologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Exerceu a profissão por um curto período e nunca mais vestiu um jaleco branco.

Quando tinha 38 anos, o professor se mudou para Curitiba e passou a frequentar diariamente a Biblioteca Pública do Paraná, mais especificamente a Seção de Literatura e Linguística. Sentiu-se em casa entre o acervo de mais de 150 mil volumes. Foi quando intensificou ainda mais o ritmo de leitura. “Geralmente vou no 823”, diz Sérgio, referindo-se ao código da ficha catalográfica que identifica os livros de literatura de língua inglesa na BPP. “Mas também pego bastante literatura alemã, italiana e francesa. Estou lendo menos literatura brasileira agora.”

Entre um romance e outro, Sérgio encontra tempo para os filmes do clube da Biblioteca Pública. Na relação entre literatura e cinema, considera os livros sempre melhores. “Nunca a versão cinematográfica consegue alcançar o êxito da obra literária.”

Viagem

Durante a conversa, Sérgio fez sinopses detalhadas de romances intrincados, com diversos núcleos narrativos e vários personagens, mas pouco falou dos autores dessas histórias. “Mas acho que devia, né?”, pergunta. Para Sérgio, pouco importa o nome impreso na capa de um romance, para ele há outros atrativos em um livro que podem fisgá-lo. “Sempre leio a orelha do livro, para ver se a história me atrai. Também vou pelo título e sou leitor voraz de romance policial e de mistério.”

Ainda assim, sempre que um livro lhe agrada, procura outros títulos do mesmo autor. Assim leu a sequência de Harry Potter e os vários romances de Ignácio de Loyola Brandão. O desapego com escritores, no entanto, pode ser explicado pela profusão de livros que lê.

Sérgio é daqueles leitores que se deixam levar por uma das primeiras possibilidades da literatura: a fuga da realidade. A ideia da literatura como uma viagem, em que o leitor vive as mesmas aventuras do personagem, para Sérgio é o grande barato de um livro. “Parece que eu estou vivendo a história”, diz.

Por isso, a “criatividade” é o que mais lhe chama a atenção em um livro. A capacidade de os escritores de inventar situações, histórias e mundos lhe fascina. “Fico pensando como um escritor pode inventar tantas coisas, a riqueza dessas pessoas.” ■



“Não lembro de ter devolvido um livro sem antes acabá-lo.”

26 DEDOS

I

Não tinha exatamente um rosto aquele enorme pedaço de madeira podre. Ainda assim, era fácil identificar olhos e insinuações sempre que mudávamos o ponto de vista acerca da perdida criatura. Ajoelhado, coberto de curvas e setas tortas, pendia exaurido para dentro de um computador de mesa de três geração passadas. Pulsava e engolia o cinza da atmosfera de mofo. Suas artérias latejavam e empalideciam de quinze em quinze segundos, como se esperassem o lento bombear da terra regurgitando o sangue de seu funcionamento. Sua movimentação sutil não era perceptível a olhares apressados. Possuía uma estranha ondulação de lesma que nos obrigava a contemplar por horas sua dança, na escuridão latente daquele subsolo aberto ao céu nublado da madrugada. Seus vinte e seis dedos digitavam *ad libitum* uma redação em fluxo, como um motor recebendo curto-circuitos, em intervalos que duravam de cinco a dez minutos de pausas assustadoramente silenciosas. O monitor, preso aos galhos retorcidos da máquina orgânica, ligava sua luz azul a cada sessão de escrita. Não havia luz onde ela estivesse. Seu corpo apagava as luzes todas. Assistíamos ao seu funcionamento somente pelo brilho azulado do monitor embolorado. Não possuía cheiro ou temperatura elevada. Sua presença era igual a presença de uma rocha invisível no meio do oceano. De manhã, ao acordar, ela passou por esta máquina sem órgãos cinco ou seis vezes seguidas, procurando um objeto no chão, ou em gavetas do armário. Era impossível notar o tronco podre de madeira apagando a luz amarela da sala.

O escritor **Alexandre França** é o segundo convidado da nova seção do **Cândido**, que abre espaço para ficção inédita inspirada na Curitiba contemporânea

Ilustração:
Guile Dias



II

A toalha de mesa possui raízes que se entrelaçam entre os meus dedos enquanto escrevo o ritmo dilatado dos passos invisíveis. São folhas de samambaias bruxuleando o tambor das pulsações das palavras que me atravessam minuto após segundo após mês após ano após século. Por onde agora minhas artérias, por onde agora o meu sangue roxo de ameixas, amêndoas e amoras? Ela virá e derreterá aos meus pés sua pele doce açúcar cristalizando, o xarope para a tosse das paredes mofadas. Ela e sua distância calculada de gestos. Sua

ternura fria e agasalhada com vestidos de gala em festas vazias de convidados. Sempre aquela espera no saguão e as bexigas decorativas murchando murchando esperas. Sua luz de véu me lambe os ouvidos com ideias prontas. Aquelas que construímos no início da nossa soldagem. Meu corpo começa a digitar no começo do sol e pausa depois de dois mergulhos do sol que nos queima as pestanas dos quadros das quinas e paredes deste labirinto retilíneo. Ouço o barulho das escadas mastigando passos. Ela virá me alimentar? Será hoje que irei sorver da água a banhar seus dedos morenos de tinta e solidão? Por

hoje por hoje só por hoje escrevo como quem morre dezenas de vezes no buraco negro de seus pesadelos. Estou neles, acenando com a mão, pedindo que volte para o almoço, para o jantar, para a minha boca faminta. O céu é nosso nestas noites trancafiadas, onde as turvas linhas do destino se embarçam de medo. Há uma câimbra castigando com agulhas e ferrões os meus vinte e seis dedos. Sinto nas articulações deles o peso dos anos. A dança dos ossos das minhas mãos, precisa-rápida-densa-e-suave, já não mais responde aos anseios subjetivos daquela mulher. Agora ela está ali. Na escuridão deste cheiro de mofo — suas córneas são faróis de socorro. Ela, estática, não parece querer travar contato com as minhas novas palavras. Nosso diálogo se dava através de novas palavras. Teria ela enjoado desta coreografia de signos de invenção de afago espiritual? Por onde andarás seu alfabeto não criado? Seus olhos desapareceram entre o meu contemplar e o minuto distraído em que olhava para a tela tentando conferir o resultado oblíquo da eterna digitação desgovernada. Por onde agora te espero em meus pensamentos não concluídos? Olho novamente para ter certeza, meu terceiro nariz inventa o cheiro da água que ela posicionou na ponta da mesa tomada por trepadeiras e aranhas marrons. Meus dedos já se acostumaram com as picadas das aranhas e das vespas que rodam a casa ao lado. Há ninhos de vespas por toda a quadra. Ela poderia ter espalhado estes ninhos para a proteção da cúpula de respiração rarefeita feita com a criação das novas palavras. Por onde, por onde se move se contorce e me lembra? Ouço o ruído dos ratos que já se conformaram com a minha indigesta presença. Eles rastejam, passam ruidosos raspam o chão de madeira envelhecida, como um rio poluído por entre os meus pés aterrados. Rombo a calha que me contorcia pelas muralhas de letras das minhas sinapses. Ela não vem como vem os ratos e baratas do meu solo aterrado e gélido. Por onde agora ela deve estar combinando um novo universo de frases a meu respeito? A fala, que cor a fala dela, que cor? O gosto eu já perdi há muito e ainda estala um anúncio entre os meus lábios e salivo a procura da língua a procura do gosto a procura de sangue e açúcar e digestão. Sempre ela aqui roendo as dobras que nos fazem nômades. E o rapto do escuro no centro do seu ventre. Com uma sonda. Um buraco negro sugando a minha ideia de existência em sua mente. Em

sua neblina, em sua medula. Invento os cheiros que derivam dela. É a única maneira de assistir as cores por aqui. Faz tempo, a escuridão inundou de abismo este subsolo.



Hoje finalmente consegui dormir — com quantos remédios poderíamos controlar a ansiedade do mundo? Carregamos a memória da existência. Sempre estes momentâneos lapsos de existência e pronto — logo acordo estriquinada frente a minha realidade. Poderia ficar mais um pouco debaixo da cobertura. Me embalo. Meu casulo escuro, úmido e quente me recebe de braços abertos. Minha casa nova. Minha primeira noite. Segura. Minha nova vida dá sinais de fumaça com esta mudança de espaço. O piano foi a última coisa a chegar. Sem ele, não poderia chamar esta casa de minha. Aliás, fiz questão de não saber a história dos antigos proprietários. Agora pássaros cantam por aqui, é o que basta. E o meu desejo de exterminar os insetos do universo continua intacto. O armário está aberto, me espera ofegante. Escolho o roupão e as pantufas. Desço. Abro a geladeira e o sol empapuaça de branco os azulejos da cozinha. São seis, agora. Um começo de manhã. Bem o comecinho. Posso sentir o sol rompendo o cinza da noite com seus raios alaranjados e avermelhados. Um cheiro de infância me percorre. Cheiro de mato — campo aberto. Prendo os cabelos. Sinto uma leve brisa acariciar a penugem do meu pescoço longo. Vou para a sala e começo a aquecer as mãos. Escalas maiores e menores. As teclas brancas do piano amarelaram com o sabor do meu exercício diário e constante. Como se o meu suor, a extensão do gesto sonoro, marcasse para sempre os membros pálidos daquela máquina de produzir tons. Paro. Volto à cozinha. Bebo um copo d'água e percebo o sol aumentar sua intensidade. Reviro as caixas da sala a procura de um bolo de receita. O meu primeiro sábado aqui merece um bolo de banana igualzinho ao da avó. De quem estamos falando quando olhamos pela primeira vez num espelho trincado do quarto de hóspedes? Ovos, farinha, manteiga, banana. É claro que terei que comprar os ingredientes, a geladeira está tão fria quanto vazia. Mais uma facilidade: há um mercado

há quatro quadras daqui. Poderia tomar coragem e logo conversar com os vizinhos. Eles devem refletir o clima amistoso dos ipês floridos enfeitando o caminho das ruas do meu novo bairro. Pego minha bicicleta rosa com cestinha. Coloco um capacete igualmente rosa e saio pedalando até lá. Um mercadinho daqueles simpáticos, de cidade do interior. Entro no recinto e um cheiro de frutas frescas me invade, corpos quando queimam possuem esta textura de pês-sego, dou bom dia à única caixa atendendo aquele horário. Ela retribui levantando o dedo polegar da mão direita. Está absorta em um catálogo de roupas íntimas. Come mecanicamente uma barra grande de chocolate diamante negro. Vou até a seção de frios. Peço algumas gramas de presunto e queijo. Compro um cacho de banana, uma caixa de ovos, farinha, manteiga, sal, açúcar, e as coisas que a vovó gosta de comer são as coisas que sua netinha também gosta, vem aqui, a vó quer te contar uma longa e assustadora história. Compro também laticínios. Uma caixa de cereal. Três barras de chocolate. Pizzas congeladas. Dois litros de coca-cola. Como levarei tantas coisas de bicicleta? A atendente demora a registrar todos os produtos. Aquilo me invade de impaciência e pânico. A próxima fase é fácil, é só você apertar enter toda vez que a pedra levantar, lembra de quando choramos no porão lá de casa? Um soco no estômago pode doer muito mais depois. E as coisas que esqueci de levar, penso que poderia encher um caminhão de comida. Volto pra casa sedenta pela construção do bolo. Tomo um iogurte de morango no caminho. Arremesso a embalagem e ela cai exatamente no meio de uma lixeira agora há dois metros de mim. Entro na sala e um odor de mofo me invade de repente. Espirro umas cinco vezes, formatando o prelúdio de uma rinite crônica. Morar numa casinha de madeira não é tão glorificante quanto promete a sua fachada. Abro as caixas, pego as panelas, quebro os ovos, entorno a farinha, misturo os ingredientes de acordo com a receita. Ouço estranhos estalos ecoando pelas ripas do telhado antigo. Não é a toa que as duas janelas principais estão levemente empenadas. Uma goteira respinga uma água turva na mistura que deveria ir ao forno em poucos segundos. ■

 **Alexandre França** é autor da peça *Final do mês* e do livro *Mata-borrão, batom*. Também lançou o disco *A solidão não mata, dá a ideia*. Vive em Curitiba (PR).

Meu destino é ser outsider



Tomas Rangel

O escritor carioca **Alberto Mussa** fala sobre a gênese de sua obra, marcada por temas de nossa história cultural e por tramas cerebrais

LUIZ REBINSKI JUNIOR

O atual cenário da literatura contemporânea brasileira fez de Alberto Mussa um *outsider* — ainda que à revelia do escritor. Em um contexto carregado de autores escrevendo romances urbanos hiper-realistas em tom autobiográfico, Mussa prefere recorrer à mitologia e à história do Brasil para compor seus livros, que em geral trazem intrincadas tramas de matriz borgeana.

Desde sua estreia, com *Elegbarrá*, em 1997, Mussa vem construindo uma obra instigante, que em 2011 ganhou novo fôlego com a publicação de *O senhor do lado esquerdo*, um improvável romance policial que mistura macumba, personagens históricos da República e lances surreais, saídos de mente de um escritor cerebral, mas extremamente imaginativo. A fusão de gêneros, presente em livros anteriores, como *O movimento pendular*, também aparece no novo romance, repleto de pequenos ensaios ficcionais sobre os mais diversos assuntos, da capoeira à arquitetura do Rio de

Janeiro no século XIX. *O senhor do lado esquerdo* tem conquistado leitores e feito a cabeça da crítica, que deu ao romance o Prêmio Machado de Assis de 2011, oferecido pela Biblioteca Nacional.

Nascido em uma família abastada, mas criado no morro, Mussa explica nesta entrevista a gênese de sua literatura, toda ela calcada nos primórdios de nossa história cultural. “A mitologia é para mim o gênero por excelência, o mais essencialmente literário, o mais perfeito, porque reúne o mínimo de expressão com o máximo de conteúdo.”

Crítico da literatura “autorreferente” e da crítica acadêmica que não consegue raciocinar a não ser pelo esquema dos “períodos literários”, Mussa diz que busca na literatura “uma forma de viver múltiplas vidas no tempo de uma.”

Atualmente o escritor trabalha em *A primeira história do mundo*, o terceiro volume de uma série de cinco romances policiais ambientados no Rio de Janeiro, cujas duas primeiras partes são *O senhor do lado esquerdo* e *O trono da rainha Jinga*. Confira a entrevista.

Em *O senhor do lado esquerdo*, o narrador fala diretamente ao leitor, inclusive discutindo os caminhos da trama. A história policialesca surgiu como inspiração ou foi algo que nasceu a partir da escrita do romance?

Todos os meus livros, pelo menos até agora, são totalmente planejados, planejados. Escrevo roteiros, rabisco mapas dos lugares, faço fichas das personagens. Te-

nho tudo sob controle. A opção pelo policial, inclusive, tem uma ambição maior: o projeto de fazer cinco romances policiais, cada um deles ambientado em um dos séculos da história do Rio de Janeiro, para compor um painel mítico da cidade. *O senhor do lado esquerdo* e *O trono da rainha Jinga* fazem parte desse ciclo. Neste momento, estou começando o terceiro da série, que se passa no século 16 e vai se chamar *A primeira história do mundo*. A primeira coisa que escrevo, quando começo um livro, é o título: o título resume tudo o que vou dizer.

Seus livros de histórias curtas, principalmente *O movimento pendular*, já trazem as características que marcam seu mais recente romance, como a fusão entre ensaio e ficção e a trama cheia de desdobramentos e possibilidades. É impressão minha ou este romance é uma espécie de síntese de sua literatura?

Talvez seja, é provável que seja. Mas é certamente a fusão das duas fases anteriores, inaugurando uma terceira fase na minha obra. *Elegbara* e *O trono da rainha Jinga* (que seria, inicialmente, um conto do primeiro livro) são da primeira, em que eu tentei reescrever passagens da história do Brasil como se fossem mitos. Mas ainda têm, essas narrativas, certo hermetismo, e uma linguagem ainda meio presa, insegura, inexperiente. A segunda fase é composta por *O enigma de Qaf*, *O movimento pendular* e *Meu destino é ser onça*. São livros mais explicitamente borgeanos. Exploram ainda a mitologia, mas já não se prendem tanto ao universo brasileiro (salvo o último, *Meu destino é ser onça*, que é o mais brasileiro dos meus livros). E o jogo literário das transformações narrativas (ou seja, pegar uma história e transformá-la em outra) é mais evidente e fundamental. *O senhor do lado esquerdo* retoma a história do Brasil, particularmente a carioca, mas incorpora métodos formais que aprendi e experimentei na segunda fase. O traço comum a todas elas, contudo, continua sen-

do a base mitológica. Essa é a essência da minha ficção: o mito.

Sua literatura é bastante cerebral. Em seu livro *O movimento pendular* há, ao longo das narrativas, ícones e fórmulas matemáticas que ajudam a compor as histórias. Uma característica que lembra bastante os contos mais herméticos de Jorge Luís Borges. Em que medida o escritor argentino lhe influenciou?

Em todas as medidas. Borges me ensinou a escrever. Borges e Bioy Casares. Queria muito ser escritor, troquei a faculdade de Matemática pela de Letras, pensando nisso. Mas, na época, naquele ambiente universitário, havia uma imensa pressão vanguardista, como acho que ainda existe hoje. Vanguardista no sentido da forma, não do conteúdo. Só valia alguma coisa quem criasse “linguagens”. Quem fizesse o mesmo que Guimarães Rosa. Isso nunca foi o meu talento. Tinha, e tenho, uma grande identificação com Machado de Assis e Nelson Rodrigues. Queria ter sido o Nelson, queria ter escrito os livros dele. Mas também não era esse o meu talento. Quando li *A invenção de Morel*, do Bioy Casares, pensei: se eu um dia eu escrever um livro, quero que seja assim — cerebral, geométrico, clássico na forma; e original, no conteúdo. Quem assinava a apresentação desse romance era um tal de Jorge Luís Borges. Fui a ele, depois. E tudo ficou claro, para mim: Borges escrevia no espanhol culto, no espanhol padrão dos eruditos. Não criava linguagens, criava conteúdos. Foi quando ganhei coragem, e confiança, e comeci a escrever o *Elegbara*. Mostrei o livro para o professor Antonio Houaiss, e foi ele quem disse que eu podia ter aquela ambição, de escrever para outros lerem.

A cena capital de *O senhor do lado esquerdo*, que desvenda ao leitor o mistério que envolve a trama, se refere a um ritual surreal de macumba. Esse é um tema recorrente em sua obra. De onde vem esse

“ Quem lê romance gosta de ser enganado. Compra o livro com esse objetivo. E, acho eu, não há nada melhor.”

interesse pela cultura negra?

Não tenho nenhum interesse pela cultura negra, porque essa é a minha própria cultura. É a cultura de um menino que cresceu no Grajaú, na zona norte do Rio de Janeiro. Nasci numa família rica, mas meus amigos eram do morro, da favela. E eu vivia na favela. Ia ao Maracanã a pé, para ver o melhor futebol do mundo. Jogava sueca, ronda e porrinha nas quitandas. Apostava diariamente no bicho. Jogava capoeira na rua (meu irmão, que hoje é professor de educação física e mestre de capoeira, aprendeu comigo os primeiros passos). Cantava os pontos e tocava atabaque nos terreiros de umbanda. Ia em candomblés também. Mais tarde, me iniciei como sacerdote de Ifá, o orixá do conhecimento e do oráculo. Frequentava blocos e escolas de samba: Vila Isabel, Salgueiro, Flor da Mina. Meu tio, Didi, irmão da minha mãe, foi um dos maiores compositores do Salgueiro e da União da Ilha e me levava com ele nos pagodes. Fiz parte de um conjunto de samba e capoeira, tocava berimbau, pandeiro e cuica. E também fui compositor, fiz muitos sambas, fiz pontos de capoeira que hoje são cantados em rodas e ninguém sabe que fui eu quem compôs. Essa foi a minha formação, essa é a minha cultura. É a cultura da zona norte do Rio de Janeiro. E é negra, porque a essência da cultura carioca é negra. A língua portuguesa, a religião católica, as maneiras de vestir ou de morar, a estrutura legal etc, tudo isso também faz parte da cultura. Mas foram impostas, não representaram opção. Os elementos culturais voluntários, no Rio de Janeiro, pelo menos, são essencialmente os negros.

Em *O movimento pendular* você constrói histórias que são variações do mesmo tema: o adultério. Essa é também a lógica da própria literatura, em que as mesmas histórias são reescritas de forma incessante?

Não diria que são reescritas, porque isso pareceria monótono. As histórias podem ser transformadas, para que sejam contadas de maneira diferente, adquirindo singularidade. Aprendi isso lendo os volumes que compõem *As mitologias*, do etnólogo Claude Lévi-Strauss, que estudou a mitologia ameríndia. Ao lado de Borges e Bioy Casares, acho que ele representa a outra grande influência na minha obra. Numa época em que muita gente diz que não há mais histórias a serem contadas, Lévi-Strauss ensina como fazer, aliás, mostra como os índios fazem, como é possível criar coisas novas, originalíssimas, a partir de modelos antigos. N' *O movimento pendular*, fiz essa experimentação.

Outra característica bem marcante em sua obra é a fusão de gêneros. Em *O senhor do lado esquerdo*, há interrupções na narrativa em que você discorre sobre temas diversos, da história arquitetônica do Rio de Janeiro à origem da palavra capoeira. Por que optar por esse caminho? Tem a ver com um possível esgotamento da literatura enquanto expressão artística?

Esse caminho é um dos mais antigos da prosa. No princípio, eram o mito e a poesia. Esses gêneros têm a idade do próprio *Homo sapiens*, uns duzentos mil anos. A prosa de ficção começou bem depois, tem seis mil anos só. É muito nova. E quan-

ENTREVISTA | ALBERTO MUSSA

do surgiu, no Egito (onde começou a literatura profana, porque o resto era sempre sagrado) misturava tudo. Tinha uma base: a história extraordinária. Era sempre um caso inusitado, incompreensível, inesperado, algo que transcendia o lugar-comum. Afinal, ninguém iria ter aquele imenso trabalho para escrever obviedades. E a partir dessa história extraordinária eram feitas considerações filosóficas, morais, históricas, etc. A prosa árabe medieval sempre teve essa característica. As maiores literaturas do mundo (as da Índia e as da China) também são assim. O romance ocidental do século XIX incorporou esse traço antigo: o *Moby Dick*, por exemplo, maravilhosa história de aventuras cheia de considerações técnicas sobre as baleias. O romance ocidental passou a aceitar tudo, tudo pode entrar num romance. Por isso ganhou a preponderância entre os gêneros literários. Quem despreza a descrição, a narração, o enredo, as considerações paralelas de cunho ensaístico, está destruindo a essência do romance. Talvez estejamos hoje assistindo ao nascimento de um novo gênero de prosa: que não é de ficção, não é romance propriamente dito; mas prosa lírica, prosa discursiva, prosa psicanalítica, em que tudo se passa no íntimo conturbado das personagens, em que tudo é subjetivo, com atrofia quase completa do cenário e da ação. Mas o romance no sentido estrito, que amadureceu no século 19, esse continua inesgotável. Há uma infinidade de histórias esperando para serem escritas.

Lendo sua obra, imagina-se que você seja um leitor assíduo de filosofia e história. Mas quem são os escritores de ficção que repousam em sua cabeceira? E da literatura contemporânea, quais autores lhe agradam?

Leitor de história, sou mesmo. Leio muito, acho imprescindível. Mas filosofia para mim é alguma coisa ininteligível. Parei em Aristóteles. E gosto mesmo é dos pré-socráticos, que são mais literários. Mas minha fonte é na verdade a mitologia. A

mitologia é para mim o gênero por excelência, o mais essencialmente literário, o mais perfeito, porque reúne o mínimo de expressão com o máximo de conteúdo. Os grandes temas humanos, os temas realmente relevantes, estão nos mitos. A literatura começou na pré-história, antes da escrita, com a narrativa mítica dos selvagens. Nesse aspecto, pelo menos, a civilização não representa, necessariamente, um avanço. Se eu fosse relacionar meus autores de cabeceira, essa entrevista não iria terminar. Mas vou citar alguns livros, não autores, porque muitos são anônimos: o *Mahabharata*, os *Itan Ifa*, os *Poemas Suspensos* (que eu traduzi), o *Gilgamesh*, o *Enuma Elish*, o *Oceano dos rios de contos*, a *Teogonia* (Hesíodo), a *Odisséia*, o *Pentateuco*, as *Mil e uma noites*, a *Ciropedia* (Xenofonte), as *Vidas Comparadas* (Plutarco), *O livro das canções* (Abul Faraj al-Isfahani), o *Alcorão*, *Tristão e Isolda*, *A divina comédia* (Dante), *A demanda do santo Graal*, o *Amadis de Gaula*, *A epístola do perdão* (Abu Ala al-Maari). E muitíssimos outros. Da literatura contemporânea, também seria um caminhão: mais posso citar Camões, Cervantes, Jorge de Lima, Poe, Pessoa, Hugo, Stendhal, Balzac, Dumas, Conrad, Tchekhov, Tolstói, Schwob, Schnitzler, Eça, é tanta gente, além dos que já mencionei (Machado, Borges, Melville, etc.), que fico até confuso.

Seus livros, em geral, tratam de temas históricos, comumente com personagens reais. Como estabelece esse diálogo entre ficção e história em seu processo criativo? Os personagens reais, na verdade, são raros. Talvez até pareçam reais, porque gosto da técnica descoberta por Lévi-Strauss, de transformar uma história em outra. Tomo um elemento real, e acrescento vários outros, ficcionais. Não faço romance histórico clássico, recriando temas e pessoas. Meus livros parecem mais do que são baseados em fatos e personagens históricos. Uso a história apenas como mote, como ponto de partida. O resto é ficção, sempre.

Embora nem sempre pareça, nem sempre fique claro. É uma forma de envolver o leitor na narrativa, fazendo que ele acredite haver naquilo alguma verdade. É o que Aristóteles chama de verossimilhança: a mentira com fumaça de verdade.

Muito se fala hoje em uma literatura autobiográfica, cuja consequência, para o leitor, é certa confusão entre o que é ficção e o que é realidade — algo, que, às vezes, nem mesmo os escritores conseguem responder. No seu caso, algo parecido pode ocorrer quando você, em um tom mais ensaístico, escreve sobre episódios mais, digamos, obscuros de nossa história? Você se preocupa com uma possível leitura ao pé da letra de seus textos quando fala sobre fatos históricos?

Não. O leitor de romance sabe que está lendo romance. Por mais que ele identifique algum aspecto que lhe pareça verdadeiro, é romance. Está dito. Está escrito na ficha catalográfica. Faz parte do jogo, do negócio, do mercado. Quem lê romance gosta de ser enganado. Compra o livro com esse objetivo. E, acho eu, não há nada melhor.

Você costuma citar o estudo da professora Regina Dalcastagnè, da UnB, que traça um perfil dos personagens dos romances brasileiros contemporâneos, para demonstrar certa hegemonia do realismo e de personagens de classe média urbanos em nossa ficção. Sua literatura é uma tentativa de fuga dessa, digamos, “tendência”?

Não é uma fuga porque não comecei a escrever pensando nisso. Mas tenho certa aversão à autorreferência. E o mundo de hoje é o mundo da autorreferência. O que são essas redes de relacionamento senão um espaço para as pessoas falarem de si mesmas? Não tenho nada contra o mundo de hoje, mas, para mim, basta viver nele. Vivo bem, sou muito feliz. Se tivesse nascido no século XIX, não teria lido nem Borges, nem Nelson Rodrigues, nem Chinua Achebe, não teria visto o Sal-



“ A literatura, para mim, é a grande oportunidade de viver uma vida que eu, fisicamente, nunca poderia viver.”

gueiro, nem o Flamengo da era Zico, nem ouvido Nei Lopes, Candeia e Clementina de Jesus. Adoro, portanto, o meu tempo. Mas a literatura, para mim, é a grande oportunidade de viver uma vida que eu, fisicamente, nunca poderia viver. A literatura é uma forma de viver múltiplas vidas no tempo de uma. Por isso vou ao passado, para experimentar outras emoções, outras situações, outras maneiras de pensar. Por isso mergulho em outras culturas, como a dos árabes pré-islâmicos, ou a dos índios brasileiros, porque também são formas de vida que eu nunca poderia viver. Falamos muito hoje em dia em biodiversidade, em diversidade ecológica, como única solução para a sobrevivência do planeta. Mas esquecemos que sem diversidade cultural, sem diversidade etnológica, não haverá sobrevivência intelectual na Terra, não haverá mais nenhuma inteligência possível. Só compreendemos a nós mesmos quando conhecemos o outro.

Apesar de ter uma carreira premiada, você se sente, de alguma forma, isolado por conta dessa opção por uma linguagem e temática que fogem do atual cardápio da literatura contemporânea?

Num certo sentido, sim. Mas acho que há outros “isolados”, como eu. E o ideal, talvez, é que todos se isolem. O problema começa quando certa crítica acadêmica, que não consegue raciocinar a não ser pelo esquema dos “períodos literários”, pelos “estilos de época”, se preocupa em definir o “contemporâneo”. De dois em dois anos, surge a “nova literatura brasileira”, a “literatura contemporânea”. Muita gente com talento potencial, mas ansiosa para entrar na vida literária e participar das antolo-

gias que anunciam os “novos”, se esforça em seguir essa ordem, essas antiquíssimas vanguardas que se impõem de cima para baixo. E aí, é claro, viram massa, se misturam, e desaparecem. Porque logo depois surgem “contemporâneos” mais recentes, mais fresquinhos, para reproduzir e garantir a sobrevivência do sistema descartável da sociedade de consumo.

Ainda sobre a literatura contemporânea, Enrique Vila-Matas, um dos escritores bastante apreciados hoje no Brasil, principalmente por jovens leitores, faz sucesso com uma literatura metalinguística, que fala, basicamente sobre o universo literário. Não é estranho que um escritor com essa temática faça sucesso em um país de poucos leitores?

Acho até previsível, num certo sentido, num país como o nosso, em que a elite é intelectualmente subserviente. É a elite do passaporte europeu. Não vem ao caso discutir se Vila-Matas é ou não um bom escritor (isso é sempre uma questão de gosto, não há fórmula científica que determine isso). O sucesso de escritores estrangeiros no Brasil não decorre de uma análise estética imparcial. É em geral resultado de uma importação acrítica, que decorre do pressuposto tácito de que o estrangeiro é sempre melhor. Há nomes de talento muito duvidoso (que às vezes não são lidos em lugar nenhum) que se tornam uma febre, são divinizados, viram gênios aqui. Esse problema é agravado também pela circunstância de vivermos atualmente numa sociedade da indicação. Hoje é cada vez mais raro o leitor que forma seu próprio cânone, que dispensa os guias, que vai às livrarias so-



zinho, que vai garimpar nos sebos, para escolher livremente, pessoalmente, livros para ler. O padrão de hoje é seguir a lista dos mais vendidos, ou comprar quem aparece em destaque nos cadernos de cultura. Será que não temos aqui ninguém do mesmo nível do Vila-Matas? Ou do [Roberto] Bolaño? Acho, pessoalmente, que temos; mas dificilmente um brasileiro recebe o mesmo incenso. Exaltar um escritor brasileiro, chamar um brasileiro de gênio, parece ser uma coisa meio vergonhosa.

Dois de seus livros de histórias curtas, *Elegbara* e *O movimento pendular* são identificados como “narrativas”. Isso tem a ver com a continuidade das histórias, que por vezes se desdobram? Por que não nomeá-lo como “contos”?

Gosto mais da palavra “narrativa”, porque é mais abrangente. Como misturo

gêneros — mitologia, ficção, ensaio — acho mais apropriada. Ou apenas mais bonita, e diferente.

Você é um autor que pouco participa da vida literária – feiras, palestras, oficinas. Por quê?

Há duas razões essenciais: não gosto de viajar, e particularmente não suporto sair do Brasil. Sou apegado às minhas coisas, ao meu banheiro, à minha cama, aos meus livros, aos meus discos, aos meus botecos, aos meus amigos, aos meus parentes, à comida da minha mãe, ao meu futebol. Em segundo lugar, viajar interfere no meu trabalho, no fluxo do meu raciocínio. Viajar me afasta do meu livro. Quando interrompo o que estou escrevendo, demoro a engrenar de novo. Fico ansioso e engorrido. Também preciso cuidar dos meus assuntos pessoais e sair do Rio, nesse caso, sempre me atrapalha. ■



Retinas Quebradas

Já é de manhã e eu vou dormir
Ferindo meus olhos na insônia
O café está gelado, os papéis jogados
num canto qualquer da mente.

O dia está propício
Aos sonhos diurnos da história
As palavras se arrastam pelos lábios
Pernas bambas e sensações dormentes
Um feitiço melancólico, corrosivo
Eles saem das suas tocas
e espreitam a caça do orgulho
Mausoléus de ratos,
de sinistra podridão.

Jorro água em meus olhos
E é difícil acreditar em fábulas
Procurei o convívio com o silêncio
Profanei a noite e os meus fantasmas
A febril angústia consola o meu recuo
Viboras de mágicos sorrisos
Rastejam aos pés da indelével máscara
Mentindo risos e sufocando gemidos.

Sou pássaro de olhos míopes!

Hoje a dor está mastigável,
Mas ainda queima quando é engolida
Os ouvidos estão atentos ao “silêncio”
As minhas sombras gritam com a astuciosa luz
Eu tenho fobia de mim.

 **Ted Rocha** é professor de literatura e participou da Oficina BPP de Criação Literária 2012 – Poesia, ministrada por Eucanaã Ferraz. Formado em Letras na UFPR, é mestrando em Estudos Literários na área de poesia. É autor do livro de poemas *Teatro dos mortos* (2003). Atualmente, está escrevendo um livro sobre a guerra do Contestado. Vive em Curitiba (PR).

RETRATO DE UM ARTISTA

MANOEL DE BARROS

Manoel de Barros nasceu em Cuiabá (MT), em 1916. Passou a maior parte da vida longe dos grandes centros e construiu obra poética que é considerada – pela crítica, poetas e ficcionistas – uma das mais importantes da poesia brasileira. No dia 19 de julho passado, recebeu o Prêmio da Academia Brasileira de Letras 2012 na categoria Poesia. É autor de dezenas de livros, entre os quais *O guardador das águas* (1989) e *Livro sobre nada* (1996) – Prêmio Nestlé de Poesia. Elaborou dicção própria, na qual oralidade se mescla a neologismos e uma noção de ritmo impecável, resultando em uma linguagem surpreendente, que pode ser percebida no seguinte fragmento: “Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.” Ou em: “Tudo que não invento é falso.” Advogado e fazendeiro, mora em Campo Grande (MS).



 **Rogério Coelho** é ilustrador profissional desde 1997. Já ilustrou mais de 70 livros de literatura infantojuvenil e colaborou com algumas das principais editoras brasileiras. Seu portfólio está disponível no *site* www.rogeriocoelho.carbonmade. Vive em Curitiba (PR).



Uma brisa me garça

A gente foi criado no ermo igual ser pedra.
Para nós, melhor que lidar com ideias, era
fazer parte do chão, do rio, das árvores, das
rãs e das garças.

A gente queria pegar na raiz das palavras.
Eu bem quisera conhecer o formato do
silêncio.

Nossa vida era como um rio ensopado de
sol.

As palavras não tinham comportamento.
Bernardo modificava a natureza e com
as suas artes:

hoje ele fez um prego torto
para pregar água na parede.

Isso era liberdade?

No olhar do menino havia um arrebol!

Ele queria falar com sotaque de Fonte.